



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**ANA CRISTINA DA SILVA**

**Natal, a celebração da dádiva**  
**Proposta de abordagem à UL 2 - Advento e Natal, do**  
**5º ano de escolaridade**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
**Professor Doutor Alfredo Manuel Matos Alves Rodrigues Teixeira**  
**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa**  
**2017**



## **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo abordar a temática do Natal, presente no Programa Curricular de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) para o 5º ano de escolaridade, numa nova perspetiva, a da dádiva.

Neste sentido, inicia-se com a descrição do caminho percorrido na Prática de Ensino Supervisionada (PES), apresentando uma breve reflexão sobre a mesma, as planificações e as estratégias adotadas para a lecionação da Unidade Letiva 2 - Advento e Natal. Em seguida, procura-se fazer uma aproximação antropológica ao conceito de dádiva ou dom, de acordo com os sociólogos Marcel Mauss, Jacques Godbout e Alain Caillé e do antropólogo Maurice Godelier e ver como esses conceitos se coadunam com a essência do Natal e a maneira como esta festa é celebrada social, cultural e religiosamente. Por fim sugerem-se algumas atividades didáticas a desenvolver em paralelo à lecionação da UL 2.

Este Relatório constitui-se como um instrumento de reflexão e avaliação da prática pedagógica, constituindo-se também como uma ferramenta de aprendizagem, uma vez que apresenta a proposta de uma nova chave de leitura para a abordagem do Natal na disciplina de EMRC.

**Palavras-chave:** Prática de Ensino Supervisionada (PES); Dom; Dádiva; Natal; Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)

## **Abstract**

The purpose of the thesis is to present a new viewpoint on Christmas, based on the conception of godsend. Christmas is a topic of Catholic Moral and Religious Education (EMRC) curriculum for 5<sup>th</sup> graders.

That way, the beginning of the report refers to the experience in *Supervised Teaching Practice* (PES), presenting a brief reflection, the plans and strategies to teach Unit 2 – Advent and Christmas. Then, there is an anthropological approach to the conception of gift, according to the sociologists Marcel Mauss, Jacques Godbout, Alain Caillé and the anthropologist Maurice Godelier. There is also an approach to see how these conceptions match with the nature of Christmas itself and the way this feast is socially, culturally and religiously celebrated. At last, there are some teaching tips for Unit 2.

This report not only provides reflection and teaching practice evaluation, but also sets a learning tool as it presents a new reading approach to Christmas in Religious Education classes.

**Keywords:** Supervised Teaching Practice (PES); Gift; Godsend; Christmas; Religious Education (EMRC)

## Índice

Resumo .....	3
Índice .....	5
Introdução .....	6
I – Caracterização da Escola, da Turma e da Prática de Ensino Supervisionada .....	8
1. Caracterização da Escola Básica Integrada.....	8
2. Caracterização da Turma .....	18
3. A prática letiva da “Unidade Letiva 2 – Advento e Natal na EBI” .....	19
II – O Natal e a dádiva: práticas e sentidos .....	53
1. A dádiva: breve abordagem antropológica .....	53
2. Natal: Deus dá-se à humanidade.....	62
3. As vivências do Natal .....	67
III – Propostas de atividades para enriquecimento da UL2 – Advento e Natal.....	70
1 – Dramatização da passagem bíblica alusiva à Adoração dos Magos .....	70
2 - Ser para os outros .....	71
3 – Mural de Natal .....	71
4 – Campanhas Solidárias.....	71
5 – Caminhada Solidária.....	72
6 –Gincana / <i>Peddy paper</i> “À descoberta do Natal” .....	72
Conclusão .....	76
Bibliografia.....	79
Anexos.....	82
Anexo 1.....	83
Anexo 2.....	86

## **Introdução**

O trabalho que se apresenta insere-se no âmbito do mestrado em Ciências Religiosas – especialização em Educação Moral e Religiosa Católica, e tem por tema: Natal, a celebração da dádiva.

A abordagem a esta temática prende-se, por um lado, com o facto de durante a lecionação da Unidade Letiva: Advento e Natal, na Prática de Ensino Supervisionada, se ter verificado que para alguns alunos o Natal era mais uma festa de família onde se recebiam e davam prendas e, por outro lado, pelo gosto pessoal na temática que lançou o desafio de conseguir lecionar com algum distanciamento da catequese, partindo do aspeto cultural para chegar à fé.

Ao longo da lecionação, a leitura/interpretação que os alunos tinham do Natal, foi desencadeando questões sobre a forma de transmissão do sentido e essência do Natal, revelando-se um desafio semana a semana.

Considerando que a escola é responsável por promover ações concretas de valorização da cultura, não deve ficar indiferente a celebrações que cultural ou religiosamente marcam o calendário. Em contexto escolar e, de acordo com a matriz curricular, pode a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica potencializar os diversos elementos que o Natal contém, desafiando os alunos na procura de um novo modelo de leitura do Natal: a dádiva.

Atualmente, a celebração do Natal acontece a nível social e cultural, com alguma desvirtuação da sua essência, contudo, o estudo do Natal na perspetiva do dom, permite uma abordagem abrangente, que engloba a visão sociocultural com a fonte do cristianismo. O Natal é uma festa essencialmente familiar, onde a dádiva exerce um papel de manutenção de vínculos afetivos. Os presentes oferecidos nesta época são símbolo da entrega de uns aos outros (visão cultural) e, para os cristãos acrescem como símbolo da entrega a Jesus que entregou a sua vida por amor, de forma gratuita.

No que diz respeito à organização do trabalho, este encontra-se dividido em três momentos.

O primeiro momento consiste numa breve descrição e caracterização do contexto onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, o ambiente sociocultural e a escola, a turma e uma reflexão sobre a lecionação da Unidade Letiva em estudo (Advento e Natal), com a apresentação das planificações referentes a cada aula lecionada e a descrição das mesmas, terminando com uma reflexão pessoal sobre a prática pedagógica.

No segundo momento é feita uma abordagem antropológica ao conceito de dádiva e a sua transposição para o contexto do Natal, refletindo na forma como esta festa religiosa, embora secularizada, não perde a sua essência sendo celebrada por crentes e não crentes.

No terceiro momento é apresentada a sugestão de um conjunto de atividades que se podem desenvolver envolvendo toda a comunidade escolar, no sentido de uma vivência mais alargada do Natal.

## **I – Caracterização da Escola, da Turma e da Prática de Ensino Supervisionada**

A caracterização da escola é normalmente a primeira preocupação de um professor, pois através dela é mais fácil compreender a realidade que vai integrar, no sentido de intervir de uma maneira mais contextualizada. Neste capítulo pretende-se fazer uma caracterização da escola e do contexto social e cultural em que se insere, da turma onde decorreu a prática de ensino supervisionada e uma breve reflexão sobre a experiência pedagógica realizada na Escola Básica e Integrada de Azambuja, a partir da lecionação da Unidade letiva referente ao Advento e Natal a alunos do 5º ano de escolaridade.

### **1. Caracterização da Escola Básica Integrada**

A Escola Básica Integrada de Azambuja insere-se numa área semiurbana, a Sul do concelho da Azambuja, abrangendo as freguesias de Azambuja, Aveiras de Baixo, Vila Nova da Rainha.

É uma instituição inserida na rede Estatal, cuja tutela depende do Ministério da Educação e Ciência e faz parte do Agrupamento de Escolas de Azambuja, que tem sede na Escola Secundária de Azambuja, situada a 200 metros.

Historicamente a EBI remonta a meados dos anos 70, do século passado, tendo sido criada através da Portaria 5/77, de 5 de janeiro, denominando-se Escola Preparatória de Azambuja.

Mais tarde, pela Portaria 706/94, de 3 de agosto, foi transformada em Escola de 1º, 2º e 3º ciclos e em 2002 passou a denominar-se Agrupamento de Escolas de Azambuja com Jardim-de-Infância. A partir de 2010, fruto do processo de reordenamento da rede escolar previsto no DL 75/2008, de 22 de abril, passou a fazer parte do Agrupamento de Escolas de Azambuja.

A EBI é uma escola tipo T-18, com 18 salas, que abrange os três ciclos do ensino básico, funcionando no ano letivo de 2014-15 com três turmas do primeiro ciclo (uma turma do segundo ano e duas turmas do quarto ano), treze turmas do segundo ciclo (seis turmas do 5º ano, igual número do sexto, uma turma de curso vocacional - tipo II<sup>1</sup>) e seis turmas do terceiro ciclo (três turmas do sétimo ano, duas do oitavo e uma do nono ano).

Relativamente ao espaço físico, é um edifício esteticamente moderno, com dois pisos, situando-se no piso térreo os Serviços Administrativos, a Sala de professores, o Refeitório, o Bar, a Reprografia, a Papelaria, a Sala de Diretores de Turma, a Coordenação de Estabelecimento, as salas de Educação Visual e Tecnológica, de Educação Visual e a Sala do Curso Vocacional. No segundo piso encontram-se as restantes salas de aulas dos três níveis de escolaridade, ligadas por um largo corredor e a Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos (BE/CRE).

No geral, as salas de aula possuem amplas janelas, que lhes conferem boa luminosidade, estão equipas com ar condicionado, quadro branco, um placard para afixação de trabalhos, computador, videoprojetor e há 10 salas que têm quadro interativo. As salas onde são lecionadas as disciplinas teórico-práticas de Ciências Naturais, Físico-química, Educação Musical e Educação Visual estão equipadas com armários para arrumação.

Relativamente à sala onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, é uma sala pequena, com pouca margem de movimentação interior, situada no piso térreo,

---

<sup>1</sup>Curso vocacional – tipo II - Os cursos do ensino vocacional do ensino básico têm como público-alvo os alunos a partir dos 13 anos de idade que manifestem constrangimentos com os estudos do ensino regular e procurem uma alternativa a este tipo de ensino, designadamente aqueles alunos que tiveram duas retenções no mesmo ciclo ou três retenções em ciclos diferentes.

Os cursos vocacionais de nível básico têm uma duração de um ou dois anos letivos, devendo a sua duração ser adaptada ao perfil de conhecimentos do conjunto de alunos que se reúne em cada curso. O projeto curricular pretende contribuir para a conclusão do 3º Ciclo do Ensino Básico, promovendo o prosseguimento de estudos nas ofertas educativas/formativas existentes, oferecendo um ensino diferenciado e ajustado às particularidades e necessidades dos alunos e da região, contribuindo para as metas regionais e nacionais no que concerne ao sucesso e progresso escolar, de acordo com o previsto na legislação específica regulamentar (Portaria n.º 292-A/2012 de 26 de setembro).

junto ao Bar, com vista para o pátio exterior, implicando o fecho dos estores e o uso de luz artificial. Quanto ao mobiliário, estava equipada com quadro branco, computador, videoprojector, um pequeno placard e ar condicionado.

No que respeita ao espaço exterior, a escola é parcialmente ajardinada, possui um campo de jogos polivalente com um balneário, um campo de futebol/andebol, dois campos de basquetebol e dois campos de voleibol, estando as suas marcações sobrepostas.

Quanto à BE/ CRE é coordenada por uma docente do Quadro de Agrupamento, contando ainda com a colaboração de uma equipa de professores que diariamente garantem o seu funcionamento.

No que respeita à estrutura organizativa, a EBI, fazendo parte do Agrupamento de Escolas de Azambuja, responde hierarquicamente perante o Diretor do Agrupamento, que exerce a sua função na Escola Secundária de Azambuja (escola sede), contudo localmente é dirigida por uma equipa coordenadora de estabelecimento, constituída por três professores.

Ao nível dos recursos humanos, a população escolar é constituída pelos discentes, corpo docente e pessoal não docente.

Quanto aos discentes, estavam matriculados, no ano letivo 2014-2015, 484 alunos, divididos por três ciclos, abrangendo oito anos de escolaridade e quinze turmas, conforme tabela que se segue.

**Tabela 1- Distribuição dos alunos por ciclos, anos e turmas**

<b>Ciclos</b>	<b>Anos</b>	<b>Alunos</b>	<b>Turmas</b>
1º	1º	20	1
	4º	35	2
2º	5º	147	6
	6º	134	6
	C. Vocacional	21	1
3º	7º	72	3

	8º	35	2
	9º	20	1

Do total da população escolar referente às turmas do segundo ciclo, no ensino regular, estavam inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) 123 alunos, o que corresponde a 43,77% da referida população.

Ao analisar a frequência da disciplina de EMRC no segundo ciclo e, nomeadamente, no 5º ano de escolaridade, verifica-se que a percentagem de inscritos tem vindo a diminuir nos últimos quatro anos, no entanto, comparando com a frequência ocorrida no primeiro ciclo, no mesmo período temporal, verifica-se um aumento significativo de alunos que frequentam a disciplina<sup>2</sup>.

Relativamente à diversidade cultural da EBI, encontram-se alunos oriundos de outros países, de diferentes etnias, culturas e religiões, facto que é de fácil observação, já que muitos dos traços são biológicos e outros transparecem pela forma de vestir, como é o caso das meninas muçulmanas. Do que foi dado a observar, a inserção destes alunos na comunidade educativa decorreu sem problemas.

Desta forma, pode-se considerar que a população estudantil é multicultural, mas face a esse pluralismo cultural, cada vez mais presente no mundo contemporâneo, a escola tem conseguido gerir esta realidade, na qual todos os alunos são reconhecidos na sua individualidade, têm o seu valor próprio, mas contribuem simultaneamente para o todo, integrando-se na cultura dominante, sem perder a sua essência<sup>3</sup>.

No que respeita ao corpo docente, pelo que foi dado a observar, a maior parte dos professores pertencia ao Quadro de Agrupamento ou Quadro de Zona Pedagógica, constituindo um corpo docente estável e conhecedor da realidade sociocultural. No total

<sup>2</sup> Cf. Fichas de estatística anual de escola: [URL] [www.sder.pt](http://www.sder.pt). (dados fornecidos pelo professor cooperante no ano letivo 2014-15).

<sup>3</sup> Cf. R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008, 7ª edição, p. 61.

o Agrupamento conta com 153 docentes dos diversos ciclos de ensino, com a seguinte distribuição:

**Tabela 2 – Corpo Docente do Agrupamento**

<b>Docentes</b>	
Pré-escolar	6
1º Ciclo do Ensino Básico	31
2º, 3º Ciclo e Secundário	98
Educação Especial	5
Técnicos Especializados	12
TORVC - CQEP <sup>4</sup>	1

O pessoal não docente do Agrupamento era constituído, segundo dados do final de dezembro 2014, por 84 funcionários, distribuídos pelas categorias de pessoal administrativo, ação social escolar e assistentes operacionais, com diferentes vínculos contratuais: 25 pertencentes ao Ministério da Educação e Ciência; 42 ao Município da Azambuja e 17 do Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Além destes recursos, existiam ainda os Serviços Especializados de Apoio Educativo, constituídos pelo Serviço de Psicologia e Orientação e pela Educação Especial.

Aqueles serviços eram formados por docentes do quadro de Educação Especial e por uma Psicóloga. O Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) contemplava três campos de atuação: apoio psicopedagógico, orientação escolar e profissional e apoio ao desenvolvimento do sistema de relações da comunidade educativa.

O SPO tinha autonomia técnica e científica, estando sediado na Sede de Agrupamento, mas alargando a sua ação à EBI.

O grupo de Educação Especial era constituído por 5 professores, que à altura acompanhavam cerca de 100 alunos, integrados nas várias turmas do Agrupamento, de acordo com a sua escolaridade.

---

<sup>4</sup> Técnico de Orientação, Reconhecimento e Validação de Competências que integra o Centro para a Qualificação e o Ensino Profissional, do qual o Agrupamento de Escolas de Azambuja é parceiro.

Relativamente à Educação Especial a EBI tem uma unidade de multideficiência e está equipada com uma “cadeira elevador”, destinada a alunos com dificuldades de locomoção.

Neste sentido, a EBI é uma escola inclusiva, que tem a preocupação de atender a todos os alunos, independentemente das suas capacidades ou incapacidades intelectuais ou físicas. Tal como refere Arends:

“As crianças devem ser educadas num ambiente o menos restritivo possível. Isto significa que as crianças com dificuldades devem, na medida do possível, ser incluídas em salas de aula regulares. Os alunos com dificuldades físicas, emocionais e de aprendizagem pouco severas, devem passar todo o seu dia escolar numa sala de aula regular. Aqueles que têm problemas ligeiramente mais sérios, devem receber apoio complementar por parte de um professor de ensino especial, durante ou fora das aulas regulares. (...). Na prática, a maioria das crianças com dificuldades físicas ou de aprendizagem frequenta as aulas regulares durante, pelo menos, uma parte do dia”<sup>5</sup>.

Tendo o ensino como objetivo o sucesso dos alunos, é necessário que todos os alunos, incluindo os que têm mais dificuldades de aprendizagem ou que apresentem algum grau de deficiência, beneficiem de um apoio diferenciado, mais individualizado, que lhes permita desenvolver as suas aptidões.

No que concerne à organização e gestão escolar, a EBI tem como documentos orientadores da sua ação o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA), o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Regulamento Interno.

O PEA assenta em três dimensões, que se traduzem pelas palavras-chave: incluir, qualificar e avaliar, tendo como objetivos:

- Promover o sucesso dos alunos do ponto de vista académico e cívico.
- Assegurar o princípio de uma escola inclusiva.

---

<sup>5</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, p.53.

- Rentabilizar, do ponto de vista curricular/educativo, parcerias com entidades locais e nacionais.
- Estimular a participação responsável de todos os intervenientes nas estruturas educativas da comunidade escolar.
- Continuar a apostar na formação do pessoal docente e não docente.
- Promover uma cultura de avaliação.

Desta forma, pode ler-se que o Agrupamento pretende:

“Promover a igualdade de oportunidades no acesso à educação e ao conhecimento, apostando na mobilização de uma vontade coletiva que nunca perca de vista o primado dos critérios de qualidade pedagógica e científica sobre critérios de natureza administrativa e corporativa”<sup>6</sup>.

Relativamente ao PAA, documento orientador da atividade escolar ao longo do ano letivo, foi proposta, no início da Prática de Ensino Supervisionada, a inclusão da realização de um Concurso de Presépios para ajudar a viver o Natal e estreitar os laços família-escola, atividade que foi aceite pelo Conselho Pedagógico e aprovada pela Direção e Conselho Geral do Agrupamento.

Quanto ao Regulamento Interno está disponível na página do Agrupamento, sendo feita referência ao mesmo nas reuniões com os encarregados de educação no início do ano letivo.

Ainda no âmbito da organização escolar, no que se refere à constituição de turmas, o Agrupamento e consequentemente a EBI, regem-se por princípios da equidade e justiça, sendo facultado a todos os alunos o acesso a iguais oportunidades de aprendizagem, sem sectarismos baseados na diversidade cultural, dificuldades de aprendizagem ou nível socioeconómico. Neste sentido, o Agrupamento/ EBI, pretendendo promover uma educação e formação integral aos seus alunos, proporciona-

---

<sup>6</sup> Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Azambuja, in [URL]<<http://www.agrupamentoescolasazambuja.com/index.php/organizacao/projeto-educativo>>, acedido a 23/03/2016.

lhes a frequência de cursos que estimulem o ensino pela prática e lhes sejam sejam significativos, como é o exemplo dos Cursos Vocacionais na EBI e dos Cursos de Educação e Formação na escola sede. A política de ação deste Agrupamento vai ao encontro do preconizado por Arends, quando diz que “a aprendizagem é um processo de atribuição de significados às experiências”<sup>7</sup>, devendo o ensino ter como principal finalidade “ajudar os alunos a tornarem-se independentes e auto-regulados”<sup>8</sup>.

O Agrupamento assegura ainda de forma equitativa a integração e acesso aos bens e serviços educativos a todos os alunos, procurando criar condições ao nível das infra-estruturas para alunos com mobilidade condicionada e dispondo de Serviços Especializados de Apoio Educativo, conforme referido anteriormente.

A relação escola-família é outros dos aspetos tidos em consideração pela EBI. A comunicação entre ambas é facilitadora do melhor conhecimento dos alunos, pelo que a EBI procura estabelecer um contacto com as famílias dos alunos através de:

- Reunião de pais e encarregados de educação com o diretor de turma no início do ano letivo, onde são dadas a conhecer as normas de funcionamento da escola, o Regulamento Interno e é feita a sensibilização para o contacto frequente com o diretor de turma, no sentido do acompanhamento da vida escolar dos educandos.
- Reunião no fim de cada período para entrega das avaliações;
- Hora de atendimento semanal com o diretor de turma;
- Caderneta do aluno
- Associação de Pais
- Representação no Conselho Geral

---

<sup>7</sup> R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, p. 12.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 17.

Para além do contacto formal, a EBI convida os encarregados de educação a assistirem e participarem em atividades educativas dos seus educandos, previstas no Plano Anual de Atividades.

Outra forma de aproximar a família da escola é através da implementação de um Projeto de Voluntariado, da iniciativa da Associação de Pais em parceria com a Câmara Municipal. Este projeto envolvia a presença de “vigilantes externos” à escola, avós reformados até aos 70 anos, que auxiliavam em tarefas de segurança escolar, nomeadamente no recreio e refeitório, e partilhavam experiências com os alunos, sem interferir no normal funcionamento da escola, nem nas funções próprias das funcionárias auxiliares (assistentes operacionais).

Esta relação escola-família vai ao encontro do preconizado por Arends, quando refere que “a aprendizagem dos alunos não depende apenas do que os professores fazem nas aulas, é também muito influenciada pelo que os professores e pais fazem em conjunto”<sup>9</sup>.

Também Sousa e Sarmento referem que “o sucesso educativo (...) está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum”<sup>10</sup>, realçando desta forma o papel crucial desta parceria no processo de ensino-aprendizagem.

A relação que escola e família estabelecem contribui para aumento da motivação das crianças e jovens para o estudo, ajuda à compreensão, por parte dos pais, do esforço que é feito pelos professores para o sucesso do ensino-aprendizagem, ajudando-os também no desempenho do seu papel de educadores, já que ao cooperarem com a escola, a sua participação gera um equilíbrio de poder entre escola-família que mais facilmente conduzirá ao sucesso educativo.

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>10</sup> M. SOUSA, e T. SARMENTO, “Escola – família - comunidade: uma relação para o sucesso educativo”, *Gestão e Desenvolvimento*, Nº 17-18 (2009-2010), p. 148. [URL] <<http://hdl.handle.net/10400.14/9117>>, acedido em 20/09/2017.

No que diz respeito aos parceiros sociais, a EBI estabelece relações com a Câmara Municipal, a Guarda Nacional Republicana, o Centro de Saúde, a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens, entidades que com alguma regularidade se deslocam à escola.

Além destas parcerias a EBI está envolvida em projetos escolares nacionais, como sejam: Projeto Eco-Escolas<sup>11</sup>, Ponto-Eletrão<sup>12</sup> e Projeto Fénix<sup>13</sup>.

As parcerias, a presença da comunidade e das famílias na escola são estratégias importantes para ajudar à melhoria dos resultados educacionais dos alunos<sup>14</sup>. A aprendizagem dos alunos não depende apenas daquilo que o professor faz dentro da sala de aula, mas de toda a envolvência escolar, daí a importância de existir uma relação próxima e cooperativa entre todos os intervenientes no processo educativo para que a escola alcance os seus objetivos eficaz e eficientemente<sup>15</sup>.

A escola e a família constituem uma parceria necessária e insubstituível na educação. É importante o envolvimento das famílias nas atividades escolares para que a educação tenha sucesso. A família e a escola não podem ser realidades em tensão, mas

---

<sup>11</sup> O Projeto Eco-Escolas é um programa educativo, promovido Associação Bandeira Azul da Europa, destinado preferencialmente às Escolas do Ensino Básico, que pretende estimular as escolas a melhorar o seu desempenho ambiental através da aplicação de ideias e conceitos de educação e gestão ambiental à vida quotidiana da escola, desafiando os alunos a participar nos processos de decisão ambiental da escola de forma a tomarem consciência da importância do ambiente no dia-a-dia da sua vida pessoal, familiar e comunitária. Este Programa procura igualmente estimular a criação de parcerias locais com as autarquias e outros agentes, como empresas, ONGA's, interessados em contribuir para um desenvolvimento sustentável. Como reconhecimento do esforço de promoção de uma educação ambiental coerente e de qualidade é atribuída às escolas uma Bandeira Verde. A EBI participa neste programa desde o ano letivo 2003-2004, tendo sido distinguida com a Bandeira Verde por 10 vezes, das quais sete ocorreram consecutivamente até ao ano letivo 2014-2015.

<sup>12</sup> O Ponto-Eletrão é um projeto da Amb3E (Associação Portuguesa de Gestão de Resíduos) destinado às escolas do Ensino Básico e Secundário com apoio do Ministério da Educação e Ciência através da Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular e da Agência Portuguesa do Ambiente. Tem como objetivo sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar e a comunidade em geral, no esforço global de reciclagem e valorização dos resíduos e equipamentos elétricos e eletrónicos (REEE) e dos resíduos de pilhas e acumuladores portáteis (RPA).

<sup>13</sup> O Projeto Fénix é uma iniciativa nacional, integrada no programa Mais Sucesso Escolar, que visa combater o insucesso escolar no ensino básico. Assenta num modelo em que os alunos com dificuldades de aprendizagem nas disciplinas de Português e Matemática são integrados temporariamente em “ninhos”, onde é ministrado um ensino mais personalizado, com respeito pelos diferentes ritmos de aprendizagem. Funcionando no mesmo tempo letivo do que a turma de origem, o que permite não sobrecarregar os alunos com tempos extra de apoio educativo, os alunos do ninho regressam à sua turma de origem assim que o nível de desempenho esperado é atingido.

<sup>14</sup> Cf. R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, p.82.

<sup>15</sup> Cf. *Ibidem*, p. 27.

antes realidades complementares onde se experimentam as primeiras responsabilidades e se assumem os primeiros compromissos para ajudar a melhorar o mundo<sup>16</sup>.

## **2. Caracterização da Turma**

A turma de Prática Pedagógica Supervisionada (PES) era constituída por doze alunos, sendo cinco do sexo feminino e sete do sexo masculino. A maioria dos alunos tinha dez anos, apenas dois tinham onze anos. Era uma turma do 2º Ciclo do Ensino Básico, a frequentar o 5º ano de escolaridade, denominada de 5ºB.

Os alunos que integravam a turma eram provenientes de Escolas do 1º Ciclo da área de influência do Agrupamento de Escolas de Azambuja. Uma das alunas era proveniente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), tendo iniciado o seu percurso escolar em Portugal no terceiro ano de escolaridade. Integravam a turma três alunos, dos quais não se possuiu referências ao seu percurso escolar, provavelmente provenientes de escolas do 1º Ciclo fora da área de abrangência do Agrupamento.

Pode-se referir ainda que um dos alunos apresentava no seu quadro clínico Diabetes, motivo pelo qual foi pouco pontual às aulas de EMRC, uma vez que tinha necessidade de controlar os níveis de insulina e almoçar no tempo da aula de EMRC, sendo acompanhado por uma das assistentes operacionais, devido à sua pouca autonomia.

Quanto à caracterização socioeconómica da turma, seis alunos beneficiavam de Apoio Social Escolar (ASE), dos quais cinco eram Escalão A e o outro Escalão B.

Atendendo ao contacto com a turma, pode-se considerar que no geral eram alunos assíduos e pontuais, com interesse pela disciplina, revelando entusiasmo na

---

<sup>16</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal – Educação Integral da Pessoa Humana*, C. E. P., Lisboa, 2008, p. 14.

aprendizagem e tarefas propostas. A maior parte dos alunos não revelou dificuldades na aquisição e compreensão de conhecimentos, embora existissem dois alunos que mostraram necessidade de um acompanhamento mais personalizado, sem no entanto estarem referenciados como alunos com necessidades educativas especiais.

No geral, a turma era sossegada e atenta, existindo quatro alunos mais agitados e conversadores, com alguma dificuldade de concentração e postura adequada, mas que se revelaram bons alunos em termos de aproveitamento.

Dadas as características da turma, procurei planificar aulas que fossem ao encontro dos alunos, recorrendo a materiais atrativos e a estratégias que os motivassem e envolvessem, já que, estando implicados na aprendizagem esta torna-se mais significativa<sup>17</sup>.

### **3. A prática letiva da “Unidade Letiva 2 – Advento e Natal na EBI”**

A Unidade Letiva Advento e Natal enquadra-se pela primeira vez no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica<sup>18</sup>, relativo ao 5º ano de escolaridade, constituindo-se como um ponto-chave do mesmo, já que aborda um dos núcleos centrais do Cristianismo, o mistério da encarnação e a sua lecionação coincide temporalmente com o tempo litúrgico. Nela estão presentes todos os Domínios de Aprendizagem<sup>19</sup>, com maior incidência no segundo domínio: Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida.

A presença desta temática no contexto da EMRC, no 5º ano de escolaridade, ajuda a valorizar o verdadeiro sentido do Natal para os cristãos, já que contextualiza

---

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, p. 12.

<sup>18</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã (Coord), *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa 2014. O Programa de EMRC de 2014 está estruturado de acordo com as diretrizes do Ministério da Educação e Ciência (Despacho 5306/2012 de 18 de abril), segundo as quais o ensino deve ser orientado por Metas Curriculares e não por Competências Específicas, como o anterior Programa de 2007.

<sup>19</sup> Os Domínios de Aprendizagem da EMRC são: Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; Ética e Moral. Cf. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 8.





histórica e teologicamente os acontecimentos, evidenciando o Natal como uma das principais celebrações cristãs.

Nas aulas desta Unidade Letiva (UL) procurei cumprir as propostas do Programa, tendo a preocupação de me centrar nos alunos, partindo da sua experiência e conhecimento, suscitando a sua motivação para a aprendizagem e estabelecendo pontes entre os aspetos culturais e a religião.

Na primeira aula os alunos recordaram as Alianças de Deus com Noé, Abraão e Moisés, reforçando a ideia de que Deus é sempre fiel à sua Aliança e descobriram outras Alianças que mostram que Deus se preocupa sempre com o Povo e está atento às suas necessidades.


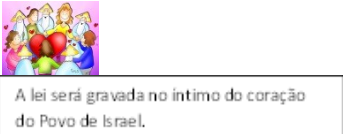
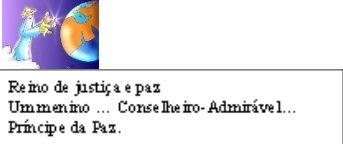
A aula decorreu de acordo com a planificação que a seguir se apresenta.

**Sumário:** A Aliança de Deus com o Povo ao longo dos tempos.  
Sensibilização para o Concurso de Presépios.  
Entrega da ficha de avaliação

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
A – Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1- Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança.	Deus é sempre fiel à sua aliança.	<p>Acolhimento e sumário</p> <p><b>Apresentação de PowerPoint</b></p> <p>Recordar as Alianças de Deus abordadas nas aulas anteriores:</p> <p>Noé – símbolo arco-íris (Arco da Velha Aliança)</p> <p>Abraão – Terra Prometida</p> <p>Moisés – Tábuas da Lei</p> <p>À medida que os alunos recordam as alianças, a professora afixa no quadro as imagens correspondentes, bem como as palavras-chave de cada aliança.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  Arco-íris         </div> <div style="text-align: center;">  Descendência Terra         </div> <div style="text-align: center;">  Lei         </div> </div>	<p>Caderno diário</p> <p>PowerPoint<sup>20</sup> (até ao slide 10)</p> <p>Imagens alusivas às alianças e Palavras-chave das mesmas<sup>21</sup></p>	<p>5'</p> <p>7'</p>	<p>A professora observa nos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- participação;</li> <li>-interesse;</li> <li>- atenção;</li> </ul>

<sup>20</sup> Cf. Anexo I, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>21</sup> Cf. Anexo II, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

	<p>2- Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel.</p>	<p>A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo:</p> <p>- Ex 3, 7-10: “Vi...ouvi...conheço...des ci”.</p> <p>- Jr 31, 31-33.</p> <p>- Is 9, 1-6; 11, 1-9.</p>	<p><b>Leitura de textos pela Bíblia</b> A professora convida os alunos a descobrirem outras Alianças que Deus fez com o povo através da leitura (pelos alunos) e interpretação de passagens bíblicas. À medida que interpretam os textos afixam as imagens e palavras-chave no quadro.</p> <p>A Missão de Moisés: libertar o povo da escravidão do Egito.</p>  <p>Anúncio de nova Aliança com Israel</p>  <p>Profecia Reino Messiânico</p> 	<p>Bíblia</p> <p><i>Powerpoint<sup>22</sup></i> <i>(slide 11...)</i></p> <p>Imagens alusivas às alianças e Palavras-chave das mesmas<sup>23</sup></p> <p>Ficha de</p>	<p>15'</p>	<p>A professora observa o interesse que os alunos revelam na escuta dos textos bíblicos.</p>
--	--	---	---	---	------------	--

<sup>22</sup> Cf. Anexo I, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>23</sup> Cf. Anexo II, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<p><b>L.</b> Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>Sensibilizar para a importância da relação Escola/Família, motivando a participação dos Enc. de Educação na vida escolar.</p>	<p>Concurso de Presépios</p>	<p><b>Ficha de trabalho</b> A professora propõe a resolução de uma ficha de trabalho- síntese da aula</p>	<p>trabalho<sup>24</sup></p>	<p>7'</p>	<p>A professora verifica se os alunos compreenderam e interiorizaram a mensagem.</p>
		<p>Ficha de avaliação</p>	<p><b>Concurso de Presépios</b> A professora convida os alunos a participarem no concurso de presépios, dando-lhes a conhecer o regulamento.</p>	<p>Ficha de inscrição e regulamento<sup>25</sup></p>	<p>4'</p>	
			<p><b>Entrega e correção da ficha de avaliação</b> A professora dá a palavra à outra professora estagiária que procede à entrega e correção da ficha.</p>	<p>Caderno diário</p>	<p>7'</p>	
<p><b>Síntese da aula:</b> Deus está sempre atento ao Povo: é fiel à sua Aliança. – esta síntese consta da ficha de trabalho</p>						

<sup>24</sup> Cf. Anexo III, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>25</sup> Cf. Anexo IV, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

A aula iniciou com o acolhimento dos alunos à entrada da sala seguindo-se o registo do sumário no quadro e no caderno diário.

De acordo com os objetivos e conteúdos propostos, aquando da planificação, optei por utilizar como estratégia e material um *PowerPoint*, imagens e palavras-chave alusivas às Alianças e a leitura de textos pela Bíblia.

Numa primeira fase, levei os alunos a recordarem as Alianças de Deus (Noé, Abraão, Moisés) abordadas nas aulas anteriores, reforçando a ideia que Deus é sempre fiel à Sua Aliança, mesmo que por vezes o povo se esquecesse e colocasse Deus de parte. Os materiais de apoio foram o *PowerPoint* (“primeira parte”) e as imagens e palavras-chave correspondentes às referidas alianças.

Na sequência destas Alianças, convidei os alunos a descobrirem outras alianças que mostram que Deus se preocupa sempre com o Povo e está atento às suas necessidades, utilizando a Bíblia como recurso principal para essa descoberta. A opção por este recurso não correu como esperava: a leitura dos textos provocou agitação nos alunos, revelaram dificuldades de leitura, quer a nível de dicção e audição, quer pela leitura de alguns nomes desconhecidos (povos bíblicos) que foram motivo de risos e conversas paralelas, perturbando a fluidez da aula. Ao refletir sobre o sucedido, considero que deveria ter ponderado melhor o recurso ao uso da bíblia, não só pela agitação que causou, mas também pelas dificuldades evidenciadas pelos alunos na sua leitura, devendo ter optado apenas por ler o que estava no *PowerPoint*, já que tinha o essencial da mensagem a transmitir. Para a interpretação das passagens bíblicas, além das perguntas orais, houve recurso à “segunda parte” do *PowerPoint*, uma forma de destacar o mais importante das mensagens e a afixação das restantes imagens e palavras-chave.

Como forma de consolidação dos conteúdos transmitidos, os alunos resolveram uma ficha de trabalho-síntese da aula, que na minha opinião foi atrativa, já que além de ter a componente escrita tinha um conjunto de autocolantes, o que entusiasmou a sua resolução.


Todavia, em alguns casos, a dificuldade em destacar os autocolantes causou agitação, sendo necessária a intervenção da professora no sentido de facilitar o destaque dos autocolantes,

pelo que a conclusão da ficha de trabalho-síntese da aula foi conturbada. Aproximou-se o fim do tempo letivo e a planificação não foi cumprida. Houve tempo para a entrega da ficha de avaliação por parte da outra professora, mas ficou por fazer a sensibilização para o Concurso de Presépios, tarefa que foi cumprida na aula seguinte.

A segunda aula deu seguimento à primeira e aqui os alunos descobriram, de forma lúdica, o anúncio a José do nascimento de Jesus, a “grande esperança de Israel”, a Nova Aliança.

A partir desta aula procurei dar mais ênfase à construção de uma caminhada para a melhor vivência do Natal, introduzindo gradualmente figuras para a construção de um presépio. A primeira figura entregue foi a de José, o homem que aceitou assumir a educação humana do Filho de Deus, símbolo do silêncio da contemplação do mistério da vida.

**Sumário:** O anúncio da Nova Aliança.  
Concurso de Presépios – regulamento.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
A- Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança.	Deus é sempre fiel à sua Aliança.  A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo.	<b>Acolhimento e sumário</b> A professora acolhe os alunos à entrada da sala e entrega-lhes 2 envelopes fechados: um com 2 peças de puzzle e outro com a silhueta de S. José.  O sumário é escrito no quadro e o registo feito no caderno diário  <b>Revisão da aula anterior</b> Diálogo com os alunos sobre as Alianças de Deus com o Povo: projeção da ficha de trabalho já resolvida.	Envelopes <sup>26</sup>  Caderno diário  Ficha de trabalho resolvida <sup>27</sup>	7'  5'	A professora verifica se os alunos compreenderam e interiorizaram a mensagem.

<sup>26</sup> Cf. Anexo VI, VI e VII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>27</sup> Cf. Anexo VIII , “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<p><b>G</b> – Identificar os valores evangélicos.</p>	<p><b>3-</b> Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade.</p>	<p>O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós: - Mt 1, 18-25</p> <p>A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel.</p>	<p><b>Cartaz do anúncio</b> Partindo da profecia de Isaías (aula anterior) a professora leva os alunos a descobrir “a grande esperança de Israel” – colar na cartolina as tiras com a mensagem de Isaías. A professora convida os alunos a abrir o envelope com as peças e pede aos alunos que em conjunto descubram a mensagem nela contida (anúncio do nascimento de Jesus a José). Leitura do anúncio com pequena exploração. A professora pede aos alunos para regressarem aos lugares e abrirem o outro envelope – motivação para a construção do presépio.</p>	<p>Cartolina Tiras de papel<sup>28</sup></p> <p>Peças de Puzzles Cola</p> <p>Silhueta S. José<sup>29</sup></p>	<p>20’</p>	<p>A professora observa nos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- participação;</li> <li>- interesse;</li> <li>- atenção;</li> </ul>
<p><b>L.</b> Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>Sensibilizar para a importância da</p>	<p>Concurso de Presépios</p>	<p><b>Concurso de Presépios</b> A professora convida os alunos a participarem no</p>	<p>Ficha de inscrição e</p>		

<sup>28</sup> Cf. Anexo IX, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>29</sup> Cf. Anexo VII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

	relação Escola/Família, motivando a participação dos Enc. de Educação na vida escolar.		concurso de presépios, dando-lhes a conhecer o regulamento.	regulamento <sup>30</sup>	5'	
		Angariação de fundos para atividade de final de ano	<b>Atividade “Tempo de Aventura”</b> A professora dá a palavra ao professor cooperante para transmitir a informação.	Livros de rifas	5'	
			<b>Síntese</b>	Caderno diário	3'	
<b>Síntese da aula:</b> Jesus é o cumprimento da esperança do Povo de Israel.						

<sup>30</sup> Cf. Anexo X, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

A segunda aula teve início com o acolhimento feito à entrada da sala, onde foi entregue a cada aluno dois envelopes, um com as peças dos puzzles e o outro com a silhueta de S. José, dizendo-lhes que apenas poderiam abri-los quando a professora o indicasse. Esta estratégia foi o ponto de partida para motivar os alunos e estimular a sua curiosidade.

Após o sumário, optei por rever a aula anterior, projetando a ficha de trabalho já resolvida, uma forma não só de recordar os conteúdos, mas também de dar oportunidade aos alunos de completarem o que tinham em falta e de fazer a ponte para a aula do dia.

Para introduzir a temática da aula, apresentei uma cartolina apenas com o título “Anúncio”, o que suscitou a curiosidade para o que viria a seguir, e pedi aos alunos para recordarem o que o profeta Isaías tinha anunciado (aula passada), colando na cartolina as palavras-chave da mensagem de Isaías. De seguida, introduzi a construção dos puzzles como forma de descobrir mais um anúncio da “grande esperança de Israel”. Todos os alunos participaram com entusiasmo na realização dos puzzles, e o facto de se levantarem dos lugares e trabalharem em conjunto não causou perturbação. Após a construção dos puzzles estava previsto colar as várias peças, mas fiz a opção de não o fazer para evitar momentos mortos e possíveis distúrbios, ficando a promessa de na próxima aula levar o cartaz completo, com os puzzles devidamente colados. Quanto à estratégia dos puzzles considero que foi bem conseguida, que a mensagem neles contida foi bem percebida pelos alunos, já que após a sua construção foi feita a sua exploração oral, tendo os alunos respondido correctamente e fazendo algumas relações interessantes.

Seguiu-se a abertura do segundo envelope - o facto de estar fechado com lacre e ter imprimido uns pés, voltou a suscitar a curiosidade dos alunos. Disse-lhes que simbolizavam uma caminhada que iríamos começar a fazer, por isso podiam abrir e descobrir o que estava dentro. Alguns alunos pensaram que era um pastor ou até o trenó do Pai Natal, mas a maior parte percebeu logo que se tratava de S. José. A entrega da silhueta de S. José foi uma boa ponte para sugerir a participação dos alunos no Concurso de Presépios, sentindo que eles

ficaram entusiasmados com o convite. Para que a silhueta fosse significativa sugeri aos alunos que a colassem no caderno diário e a decorassem a gosto, iniciando assim a construção de um presépio. Esta sugestão foi bem aceita por alguns alunos, outros deram a entender que preferiam guardá-la em casa ou junto das fichas de trabalho.

Quanto à divulgação da atividade de Verão, foi da responsabilidade do professor cooperante, tendo os alunos ficado entusiasmados com a proposta de angariação de fundos para a sua grande atividade no final do ano letivo.

Nas duas aulas seguintes, procurei partir de situações práticas e experienciadas pelos alunos para introduzir e aprofundar o significado do Advento e do Natal, facilitando a aprendizagem e tornando-a mais significativa.

Na terceira aula, os alunos aprofundaram o seu conhecimento sobre o Advento e os símbolos a ele associados, percebendo o porquê de o Advento ser tempo de espera e de esperança, ser o tempo antes do Natal, que prepara a sua celebração. A planificação que serviu de base a esta aula foi a que a seguir se apresenta.



			<p>A professora continua o diálogo com os alunos no sentido de os levar a descobrir o que é o Advento:</p> <p>- vamos centrar-nos numa grande festa que se aproxima. Como se chama?</p> <p>O que celebramos nessa festa?... É a chegada de uma pessoa importante!</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que acham que devemos fazer para preparar a Sua vinda?</li> <li>• Que sentimentos devemos ter?</li> </ul> <p>Registo no caderno diário e no quadro das respostas dos alunos (à semelhança da tarefa anterior)</p> <p><b>Ficha de trabalho</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Transcrever para a ficha os registos feitos no quadro.</li> <li>• Justificar por que razão o Advento é tempo de espera e</li> </ul>	<p>Caderno diário Quadro</p> <p>Ficha de trabalho<sup>31</sup></p>	<p>12'</p>	<p>A professora verifica se os alunos perceberam o sentido do Advento.</p>
--	--	--	---	--	------------	--

<sup>31</sup> Cf. Anexo XI, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

			<p>esperança.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar alguns símbolos do Advento: <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Coroa do Advento</li> <li>✓ Vestes litúrgicas</li> <li>✓ Calendário do Advento</li> </ul> </li> </ul> <p><b>Compromisso de Advento</b>  Lançar o desafio aos alunos de pensar em atitudes para caminhar na espera do nascimento de Jesus.  Registrar na pegada.</p> <p><b>Síntese</b></p>	<p>Pegada<sup>32</sup></p> <p>Caderno diário</p>	<p>4'</p> <p>4'</p>	
<p><b>Síntese da aula:</b> Advento é o tempo de preparação para o Natal. Durante este tempo os cristãos preparam o coração para melhor receber Jesus.</p>						

<sup>32</sup> Cf. Anexo XII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

A aula iniciou com o acolhimento feito à entrada da sala e logo aí notei que os alunos estavam agitados, convidando-os a sentarem-se e a prepararem o caderno diário para escrever o sumário. A pedido de uma aluna, o sumário foi escrito por ela no quadro, prática que foi repetida noutras aulas, dando também oportunidade aos outros alunos de o fazerem, já que houve vários que manifestaram essa vontade, funcionando também como motor de mais motivação.

Ao escrever o sumário, uma aluna disse logo que o Advento é antes do Natal, tendo-lhe pedido que não revelasse tudo, porque em conjunto íamos descobrir o que era o Advento. Pedi então aos alunos que imaginassem que iam receber a visita de uma pessoa importante em suas casas para jantar, por exemplo o Cristiano Ronaldo, a Violeta (ídolos conhecidos e do gosto de alguns) ou outra pessoa que considerassem importante, e que registassem no caderno diário o que fariam para preparar a sua visita e como se sentiriam durante essa preparação. Após essa tarefa os alunos partilharam as suas respostas e foi feito o registo no quadro. De seguida, fiz a contextualização para o Natal: uma festa em que se celebra a chegada de uma pessoa importante, Jesus, pedindo aos alunos que fizessem o mesmo exercício, registando as respostas à semelhança da tarefa anterior. Concluídas estas estratégias, os alunos perceberam que o Advento é o tempo de preparação para o Natal, um tempo de espera e de esperança, que deve ser vivido com esse mesmo espírito para que possamos viver melhor o nascimento de Jesus que chega todos os anos à nossa vida e ao nosso coração.

Para consolidar o sentido e significado do Advento estava prevista a realização de uma ficha de trabalho, na qual os alunos teriam de copiar as respostas dadas do quadro para a ficha, justificar por que é que o Advento é tempo de espera e de esperança e explorar alguns símbolos do Advento. Contudo, devido à pressão do tempo, optei por explicar a ficha de trabalho aos alunos, entregar-lha e sugerir que completassem o primeiro exercício em casa, respondendo oralmente à segunda questão e centrando a atenção nos símbolos, alguns já conhecidos dos alunos, embora sem saberem o seu significado.

Considero que esta opção foi positiva, os alunos continuaram entusiasmados, participaram ativamente, partilharam os seus conhecimentos sobre os símbolos do Advento e foi possível verificar que os alunos perceberam os conteúdos transmitidos, tendo alcançado os objetivos.


Para terminar a aula e como compromisso para melhor preparar a vinda de Jesus entreguei uma pegada aos alunos convidando-os a registar o seu compromisso.


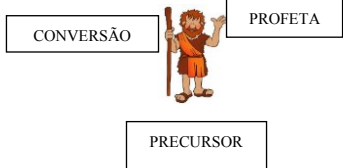

Não foi possível registar a síntese por escrito, a mesma foi feita na aula seguinte servindo de elo de ligação para introduzir as figuras do Advento.

Nesta aula percebi que, para a maior parte dos alunos, o Natal é uma festa de natureza social, onde são valorizadas as prendas e, em alguns casos, a reunião da família para uma refeição e troca de presentes, sem grande preocupação de preparação prévia, a não ser o enfeite da árvore de Natal.

A quarta aula proporcionou aos alunos o conhecimento de duas figuras do Advento: João Batista e Maria. Esta foi uma das aulas mais desafiantes, por um lado devido à proximidade a conceitos catequéticos, o que exigiu um esforço de simplificação da linguagem para tornar os conceitos mais perceptíveis aos alunos, principalmente porque a maioria tinha uma vivência cristã comunitária diminuta e, por outro lado, o entusiasmo e interesse dos alunos por quererem saber mais. Nesta aula entreguei aos alunos outra figura do presépio (Maria) e ficaram ansiosos por receber o Menino Jesus e assim completarem o presépio (para alguns, o seu primeiro presépio!).

Sumário: Figuras do Advento.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
<p><b>G</b> – Identificar os valores evangélicos.</p>	<p><b>5-</b> Identificar as figuras do Advento.</p>	<p>As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem:</p>	<p><b>Acolhimento e sumário</b></p>	<p>Caderno diário</p>	<p>5’</p>	
			<p><b>Recordar a aula anterior</b>                      Diálogo com os alunos sobre o sentido do Advento: tempo de preparação para o Natal - o que podemos fazer para acolher a vinda Jesus.</p>		<p>5’</p>	<p>A professora observa nos alunos:                       - participação;                       - interesse;                       - atenção;</p>
			<p><b>Ponte com o anúncio da nova Aliança de Deus com a Humanidade:</b>                      Isaías e S. José.</p> <p><b>Apresentação das figuras do Advento: João Batista e Maria –</b>                      A professora afixa as</p>	<p>Cartaz elaborado na aula 11 (<i>puzzles</i>)</p> <p>Quadro</p>	<p>3’</p>	

		<p>- João Batista;</p> <p>- Maria, a mãe de Jesus.</p>	<p>imagens no quadro e dá a conhecer as características destas figuras do Advento.</p>  <p><b>João Batista</b></p>  <p><b>Maria</b></p>  <p><b>Ficha de trabalho</b> Os alunos são convidados a resolver uma ficha para consolidar os</p>	<p>João Batista<sup>33</sup></p> <p>Maria<sup>34</sup></p> <p>Dísticos João Batista<sup>35</sup></p> <p>Dísticos Maria<sup>36</sup></p> <p>Ficha de trabalho<sup>37</sup></p>	<p>8'</p> <p>10'</p> <p>8'</p>	<p>A professora verifica se os alunos compreenderam as características</p>
--	--	--	---	---	--------------------------------	--

<sup>33</sup> Cf. Anexo XIII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>34</sup> Cf. Anexo XV, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>35</sup> Cf. Anexo XIV, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>36</sup> Cf. Anexo XVI, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>37</sup> Cf. Anexo XVII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

			conhecimentos.			das figuras do Advento.
			<b>Silhueta de Maria</b> A professora entrega um envelope aos alunos com a silhueta de Maria e destaca a importância desta figura no acolhimento de Jesus.	Silhueta de Maria <sup>38</sup>	2'	
			<b>Síntese</b> A síntese corresponde à aula anterior e à atual	Caderno diário	4'	
<p><b>Síntese da aula:</b> Advento é o tempo de preparação para o Natal. Durante este tempo os cristãos preparam o coração para melhor receber Jesus.</p> <p>João Batista e Maria são duas figuras importantes do Advento: João foi o precursor e Maria, a escolhida para ser mãe do Messias esperado.</p>						

<sup>38</sup> Cf. Anexo XVIII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

A quarta aula, à semelhança das outras, iniciou com o acolhimento dos alunos à entrada da sala e o registo do sumário no quadro e caderno diário.

Para a introdução das figuras do Advento, optei por retomar as aulas anteriores, o anúncio da esperança de Israel e o sentido do Advento, com o objetivo de consolidar os conteúdos lecionados e transmitir um sentido coerente à espera do Povo de Israel e à caminhada do Advento, enquanto tempo de espera e de esperança.

Numa primeira fase apresentei a figura de João Baptista, como um profeta que faz apelo à conversão, o precursor de Jesus – procurando simplificar os significados e contextualizar esta figura no tempo de Jesus e no tempo de Advento.

Seguiu-se depois a apresentação de Maria, questionando os alunos sobre o que sabiam sobre ela, contextualizando-o em seguida como figura do Advento (a Senhora do Sim, a Cheia de Graça, que aceitou ser mãe de Jesus), fazendo também ligação com o título de Imaculada Conceição (relação com os factos históricos e a ligação ao nosso país – Madrinha de Portugal).

Para consolidar os conhecimentos, os alunos resolveram uma ficha de trabalho em que lhes era pedido que estabelecessem relação entre as imagens e as características apresentadas. Terminada a ficha de trabalho, foi-lhes entregue a silhueta de Maria, salientando a importância de Maria no acolhimento de Jesus e lembrando-lhes a construção do presépio.

Antes de terminar a aula, os alunos registaram no caderno a síntese relativa à aula anterior e à atual.

Os objetivos estabelecidos para esta aula foram alcançados, os alunos perceberam a mensagem transmitida nas aulas anteriores e também as características das figuras do Advento, o seu significado e importância.


A quinta aula correspondeu ao último dia de aulas do 1º Período e foi-me solicitada uma planificação diferente, uma vez que parte da aula seria ocupada com a cerimónia do

hastear da bandeira “Eco-Escolas” e o canto de algumas canções de Natal por parte da turma à comunidade escolar.

Assim, a pedido da diretora de turma onde estava a ser desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada, o professor cooperante solicitou que preparasse uns cartões de boas festas para que a turma entregasse aos colegas das outras turmas.

Perante tal proposta, procurei elaborar uma planificação simples, que não implicasse o desenvolvimento de tarefas por parte dos alunos, mas não deixando de fazer a ligação aos objetivos da Unidade Letiva em estudo, dando seguimento lógico às aulas anteriores.

**Sumário:** Celebração do Natal com a comunidade escolar.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
<p><b>P</b> – Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p><b>L</b> – Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>7- Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.</p>	<p>A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.</p>	<p><b>Acolhimento e sumário</b></p> <p><b>História de Natal</b> A professora entrega, a cada aluno, a história “Espírito de Natal, de José Jorge Letria, como proposta para refletirem sobre o que é importante no Natal. A professora entrega aos alunos a silhueta do Menino Jesus.</p>	<p>Caderno diário</p> <p>História “Espírito de Natal”<sup>39</sup></p> <p>Silhueta do Menino Jesus<sup>40</sup></p>	<p>3’</p> <p>5’</p> <p>37’</p>	<p>A professora acompanha os alunos nas diversas tarefas e observa a participação e interesse dos alunos.</p>
	<p>Celebrar com a comunidade escolar o sentido do Natal.</p>	<p>Exposição de Presépios e Felicitações de Natal.</p>	<p><b>Exposição de Presépios</b> Os alunos visitam a exposição de presépios e vão cantar canções de Natal à comunidade escolar.</p>			

<sup>39</sup> Cf. Anexo XIX, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>40</sup> Cf. Anexo XX, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

			<p><b>Postais de Natal</b> Os alunos são convidados a entregar aos colegas das outras turmas postais de Natal.</p>	Postais de Natal <sup>41</sup>		
<p><b>Observações:</b> Esta aula enquadra-se nas atividades de final do 1º Período, em interdisciplinaridade com Educação Musical.</p>						

---

<sup>41</sup> Cf. Anexo XXI, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

Ao chegar à escola, o professor cooperante informou-me que houve alterações no horário previsto: os alunos apenas iriam cantar depois da aula, pelo que teria de ocupar o tempo de aula, mas sem grande preocupação. Fiquei apreensiva com a notícia. O que tinha planeado era muito simples, apenas ocuparia entre dez a quinze minutos dentro da sala, não estava preparada para desenvolver atividades concretas com a turma. Tentei tranquilizar-me e esperar para perceber a motivação dos alunos.

Sendo o último dia de aulas, do primeiro período, a agitação das turmas costuma ser muita e nesta turma não foi exceção. Logo que entraram perguntaram o que íamos fazer, se tínhamos mesmo aula. Pedi que se sentassem e acalmassem pois a aula seria mais leve do que as anteriores. Para os tranquilizar escrevi o sumário no quadro e conversámos um bocadinho sobre o Natal. Nesse contexto, entreguei a cada aluno um postal com a história “Espírito de Natal” e logo dois alunos pediram para ler em voz alta. Após a leitura, fizemos a exploração da mensagem e entreguei a silhueta do Menino Jesus, lembrando que o Natal é a celebração do Seu nascimento e que Ele marcou a história, daí que contemos os anos antes e depois de Cristo.

A entrega gradual das principais figuras do presépio teve como objetivos ajudar os alunos a perceberem o caminho de preparação que os cristãos fazem para o Natal e a realçar o papel importante de cada um dos intervenientes para a vivência do Natal cristão, procurando estabelecer pontes com o papel de cada elemento na família.

De seguida, mostrei aos alunos os cartões de Natal que elaborei em nome da turma e li a mensagem neles inscrita, informando-os que teriam a tarefa de os entregar a cada delegado das outras turmas quando fossem cantar.

Por fim, perguntei à turma se já tinha visto a exposição de presépios à entrada da escola e convidei os alunos a visitá-la e a escolherem o seu presépio preferido, convite que não teve adesão imediata de todos, pois à saída da sala preferiram ir brincar antes de se concentrarem para cantar e comemorar o título “Eco-Escolas”.

Analisando a globalidade da aula, considero que correu bem. Apesar dos vários imprevistos, os alunos aderiram bem às propostas e captaram o essencial da mensagem de Natal.


Ressalvo o facto de os alunos não terem sido envolvidos na elaboração dos cartões de Natal, mas apenas tive conhecimento das atividades a desenvolver na semana anterior, planificando a aula de acordo com o solicitado.

As aulas seguintes centraram-se na figura de Jesus, no contexto histórico do seu nascimento e na significação do mesmo para os cristãos.

A sexta aula marcou o regresso à Prática de Ensino Supervisionada, após a interrupção letiva do Natal. Para esta aula a planificação foi elaborada com o propósito de dar a conhecer aos alunos a situação histórica do nascimento de Jesus, permitindo também fazer um resumo da Unidade Letiva.

**Sumário:** Jogo: “Labirinto de Natal”.

Entrega da Matriz da Ficha de Avaliação.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
<b>P</b> – Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	6- Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.	Jesus, o salvador; Emanuel, Deus conosco na história.  Jesus encarna numa realidade histórica: Jo 1, 1-4.14.  A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social.	<b>Acolhimento e sumário</b>  <b>Jogo *</b> A professora motiva os alunos para o jogo, explica as regras e pede para escolherem o seu peão de jogo. Os alunos são convidados a deslocarem-se para o fundo da sala onde se encontra o tabuleiro de jogo e dar início à atividade.	Caderno diário  Tabuleiro de jogo <sup>42</sup>  Cartões <sup>43</sup> Peões Dado	5’  25’	A professora acompanha os alunos nas diversas tarefas e observa a participação e interesse dos alunos.
	7- Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.	A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.	<b>Matriz da ficha de avaliação</b> A professora entrega a cada aluno a matriz da ficha de avaliação e esclarece possíveis dúvidas.	Matriz Ficha de Avaliação <sup>44</sup> .	10’	

<sup>42</sup> Cf. Anexo XXII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>43</sup> Cf. Anexo XXIII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>44</sup> Cf. Anexo XXIV, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

			<b>Síntese da aula</b>	Caderno diário	5'	
<b>Síntese da aula:</b> Consolidação dos conteúdos da Unidade Letiva sobre o Advento e Natal.						

*\* Este jogo abarca todos os conteúdos da Unidade Letiva 2.*

A aula iniciou com a escrita do sumário, cujo conteúdo, por um lado, suscitou admiração e, por outro, alguma preocupação nos alunos. A admiração deveu-se ao facto de continuar a falar de Advento e Natal e a preocupação pela realização de uma ficha de avaliação. Perante as interpelações dos alunos esclareci que continuávamos a falar do Natal porque ainda faltava falar de algumas coisas relacionadas com a vida de Jesus, mas que iriam aprender essas coisas através do jogo e, ao mesmo tempo, o jogo ia ajudar a lembrar o que aprenderam nas aulas sobre essa temática. Quanto à ficha de avaliação, esclareci que não seria na presente aula, o que iria acontecer era a entrega da matriz que os ajudaria a orientar o estudo para a ficha de avaliação da próxima aula, mas que a ficha não seria complicada, seria uma ficha parecida com as que tinham feito nas aulas, mas com tudo o que falámos sobre o Advento e Natal.

Terminadas as explicações apresentei as regras do “Labirinto de Natal”. Os alunos escolheram, de olhos fechados, o seu peão para o jogo e foram convidados a sair dos seus lugares e a deslocarem-se para a mesa onde estava o tabuleiro de jogo. Aí chegados, e para evitar mais confusão, indiquei-lhes a ordem de jogo, colocaram os peões na “seta” de partida e iniciámos o jogo.

No decorrer das várias jogadas, houve alguma agitação, principalmente quando calhavam numa casa de pergunta, demonstrando alguma impaciência e ansiedade, mas sempre muito entusiasmados, querendo continuar a jogar mesmo quando o tempo previsto tinha chegado ao fim, o que me levou a afastar da mesa de jogo para chamar a atenção que não era possível continuar a jogar porque ainda queria entregar a matriz da ficha de avaliação e esclarecer possíveis dúvidas. Com algum custo, a turma acatou o meu pedido, voltou aos lugares, entreguei a matriz e dei algumas indicações para o estudo.

Como o tempo de aula tinha terminado, não foi possível escrever a síntese da aula, tarefa que teve lugar no início da aula da semana seguinte.

Avaliando globalmente a aula, considero que correu bem, foi motivante criar todo o jogo e gratificante o interesse e envolvimento dos alunos.

Importa ainda referir que os alunos pediram para continuar a jogar, tendo ficado a promessa de o fazer na próxima aula, caso todos terminassem a ficha de avaliação antes do tempo previsto, ou na aula seguinte, servindo desta forma como meio sintetizar toda a Unidade Letiva.

Na sétima aula os alunos realizaram uma ficha de avaliação sumativa sobre os conteúdos lecionados na UL 2.

A aula iniciou como as demais, com o acolhimento aos alunos à porta da sala. De seguida, fizemos a síntese da aula anterior, que foi escrita no quadro e registada no caderno diário, bem como o registo do sumário da aula atual.

Os alunos mostraram alguma agitação por irem realizar uma ficha de avaliação, tentei tranquilizá-los dizendo que tudo o que estava na ficha tinha sido dado nas aulas, tínhamos revisto na aula anterior e que aquela ficha era mais uma ficha de trabalho, maior porque tinha a matéria toda, mas não precisavam de ter medo, iam ver que seriam capazes de responder.


Pedi aos alunos para se acalmarem, distribui as fichas de avaliação e disse-lhes para lerem todas as perguntas antes de começarem a responder. A turma não esperava uma ficha tão grande (três páginas), reagindo com apreensão, mas foi acalmando à medida que resolvia os exercícios.

No tempo de resolução da ficha fui acompanhando os alunos, esclarecendo dúvidas sempre que solicitada e fui-me apercebendo que a maioria dos alunos sabia responder corretamente às questões, mesmo àquelas que tinham maior grau de dificuldade.

Analisando globalmente a aula, o comportamento dos alunos foi muito positivo, souberam manter silêncio durante a resolução da ficha, demonstrando respeito uns pelos outros e seriedade na sua resolução.

A planificação desta aula foi a que a seguir se apresenta:

Sumário: Ficha de Avaliação.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
	Verificar se os conteúdos lecionados foram bem apreendidos.	Os selecionados para a UL 2.	<p><b>Acolhimento</b>  <b>Síntese da aula passada e sumário</b></p> <p><b>Ficha de Avaliação</b>  A professora distribui as fichas de avaliação e aconselha os alunos a lerem toda a ficha antes de iniciarem a sua resolução.  Lembra os alunos que cada um deve realizar a sua ficha de forma honesta e em silêncio para não prejudicar os colegas.</p>	<p>Caderno diário</p> <p>Ficha de avaliação<sup>45</sup></p>	<p>10'</p> <p>35'</p>	<p>A professora acompanha os alunos nas diversas tarefas e observa a participação e interesse dos alunos.</p>
<b>Observações:</b> Caso a turma termine a ficha de avaliação antes do tempo previsto dar-se-á continuidade ao jogo da aula anterior.						

<sup>45</sup> Cf. Anexo XXV, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

A oitava aula, última relacionada com a Unidade Letiva 2: Advento e Natal, iniciou com o acolhimento aos alunos que se mostravam ansiosos por receber a ficha de avaliação. Duas alunas pediram para abrir a lição e escrever o sumário, pedido que foi aceite. Após a escrita do sumário procedi à entrega das fichas de avaliação, o que causou algum burburinho com a comparação de resultados, tendo de chamar os alunos à atenção, pois estavam a ter atitudes exageradas. Feita a entrega passámos à correção da ficha, interpelando os vários alunos, tendo todos oportunidade de participar.


Terminada a correção passámos à segunda parte da aula que consistiu no jogo “Labirinto de Natal”. Esta atividade teve como finalidade sintetizar toda a Unidade Letiva e também cumprir o prometido nas aulas anteriores – voltar a jogar.

O jogo correu muito bem, sem incidentes. Os alunos mostraram-se entusiasmados, interessados e felizes por estarem a jogar e a responder às várias questões, existindo um clima de competição saudável para ver quem conseguia responder corretamente.

Fazendo uma análise geral, considero que a aula correu muito bem. A planificação foi cumprida, os alunos perceberam as suas falhas na ficha de avaliação, o jogo permitiu consolidar a temática da Unidade Letiva e os alunos mostraram-se empenhados em todas as tarefas.

**Sumário:** Entrega e correção da ficha de avaliação.

Conclusão da Unidade Letiva com o jogo “Labirinto de Natal”.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
	Melhorar a compreensão dos conteúdos lecionados.	Os que constam da ficha de avaliação.	<p><b>Acolhimento e sumário</b></p> <p><b>Entrega e correção ficha de avaliação</b> A professora entrega as fichas de avaliação e procede, juntamente com os alunos, à correção da mesma. A correção é feita no quadro e registada no caderno diário.</p> <p><b>Jogo</b> Os alunos são convidados a jogar o “Labirinto de Natal”, como forma de sintetizar a Unidade Letiva.</p>	<p>Caderno diário</p> <p>Caderno diário</p> <p>Ficha de avaliação corrigida<sup>46</sup></p> <p>Tabuleiro de jogo<sup>47</sup> Cartões<sup>48</sup> Peões Dados</p>	<p>5’</p> <p>15’</p> <p>25’</p>	<p>A professora acompanha os alunos nas diversas tarefas e observa a participação e interesse dos alunos.</p>
<p><b>Observação:</b> A síntese não será escrita no caderno diário, uma vez que vai sendo elaborada pelos alunos no decorrer do jogo – será uma “síntese vivida”.</p>						

<sup>46</sup> Cf. Anexo XXVI, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>47</sup> Cf. Anexo XXII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

<sup>48</sup> Cf. Anexo XXIII, “Materiais Pedagógicos UL2 - Advento e Natal”: Portefólio PES.

Sendo o Natal um dos acontecimentos centrais do cristianismo, na lecionação desta UL procurei que os alunos percebessem a sua importância no contexto cristão, como celebração do nascimento de Jesus, especificando que Jesus é, para os cristãos, o Salvador, o Messias esperado, anunciado pelos profetas.

Em todas as aulas tive o cuidado de diversificar as estratégias, procurando que fossem apelativas e adequadas ao contexto turma e sala de aula, que possibilitassem a participação de todos os alunos, tornando as aulas dinâmicas e facilitadoras da integração de todos.

No sentido de enriquecer a vivência do Natal e sensibilizar a relação escola-família, promovi a realização de um concurso de presépios<sup>49</sup>, atividade que, apesar de não ter tido muita adesão, foi positiva pela mobilização de algumas famílias, ajudando a alcançar a Meta Curricular L (Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé).

A lecionação desta Unidade Letiva contribuiu para enriquecer e alargar o conhecimento dos alunos sobre o Natal, toda a sua envolvência e vivência cristã. Os alunos que já possuíam algum conhecimento e vivência cristã tiveram oportunidade de consolidar a aprendizagem e aqueles para os quais o Natal era apenas uma festa de cariz sociocultural e económico despertaram para o sentido que o Natal tem para os cristãos, percebendo a origem deste tempo. Em ambos os casos, considero que estas aulas proporcionaram aos alunos o desenvolvimento de competências pessoais que os ajudarão à construção de um mundo mais humano.

Com o objetivo de estimular e enriquecer a aprendizagem sobre a temática e atendendo ao interesse demonstrado pelos alunos no conhecimento das figuras do Advento e na construção do presépio, proponho, de seguida, apresentar uma reflexão sobre o Natal que evidencie o seu significado para os cristãos e a sua importância para a construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável.

---

<sup>49</sup> Cf. “Outras Atividades”, no Anexo: Portefólio PES.

## **II – O Natal e a dádiva: práticas e sentidos**

Nas sociedades contemporâneas o Natal é, por excelência, a época de troca de presentes, onde o espírito de comunhão e partilha é mais evidente, tanto nas famílias, como na sociedade em geral através de campanhas de solidariedade.

De facto, o espírito natalício começa a ser visível a partir de novembro, com as lojas e as ruas decoradas, apelando ao consumo, à compra de presentes, mas também, é nesta altura que se começam a evidenciar os vínculos familiares e sociais ou a sua ausência.

Neste sentido, a dádiva não se prende apenas com questões económicas, mas também com a necessidade de estabelecer laços, aspetos comuns a sociedades menos complexas, organizadas a partir da tradição, nas quais a dádiva era o garante da sua estabilidade e organização e o primeiro passo para a socialização. Para se ler o tempo natalício enquanto contexto favorável à prática social da circulação de dádivas, é necessário compreender o papel da economia do dom na estruturação das sociedades, tópico particularmente desenvolvido no âmbito da Antropologia Cultural.

### **1. A dádiva: breve abordagem antropológica**

Partindo da obra de Marcel Mauss “Ensaio sobre a dádiva”<sup>50</sup> e das reflexões dos sociólogos Jacques Godbout e Alain Caillé e do antropólogo Maurice Godelier procurar-se-á fazer uma aproximação antropológica ao conceito de dádiva e à sua relevância para a sociedade.

Ao estudar as sociedades primitivas, Mauss verificou que a troca de dádivas estava sempre presente nessas sociedades, tanto a nível individual como coletivo. Toda

---

<sup>50</sup> M. MAUSS, *Ensaio sobre a Dádiva*, Edições 70, Lisboa, 2011. Obra baseada no estudo que Mauss fez sobre as sociedades ditas arcaicas (Melanésia, Polinésia, Costa Noroeste da América). O autor não realizou qualquer trabalho de campo nessas sociedades, o seu estudo teve por base informações fornecidas por etnografias diversas.

a orgânica das sociedades tinha como suporte um ciclo de prestações e contraprestações que envolvia todos os membros da sociedade na constituição da mesma. A esta envolvimento de toda a sociedade no circuito de doação, Mauss apelidou de “fato social total”. Um “facto” desta natureza tem qualidades próprias:

“[Nele] exprimem-se ao mesmo tempo e de uma só vez todas as espécies de instituições: religiosas, jurídicas e morais – e estas políticas e familiares ao mesmo tempo; económicas – e estas supõem formas particulares da produção e do consumo, ou antes, da prestação e da distribuição; sem contar os fenómenos estéticos a que estes factos vão dar e os fenómenos morfológicos que manifestam estas instituições”<sup>51</sup>.

Uma das sociedades estudadas foi a Polinésia. Aqui Mauss verificou que a dádiva consistia num “sistema de prestações totais”, que envolvia não pessoas individuais, mas “colectividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam; [...] são pessoas morais: clãs, tribos, famílias, que além da troca de bens e riquezas, “coisas úteis economicamente”, trocam sobretudo “amabilidades, festins, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras”<sup>52</sup>. Estas trocas de prestações e contraprestações tinham carácter voluntário, embora estivesse subentendido a sua obrigatoriedade, “sob pena de guerra privada ou pública”<sup>53</sup>.

Outra forma de prestação total estudada por Mauss foi a existente nas tribos Tlingit e Haïda do Noroeste americano, o chamado *potlatch*. Entende-se por *potlatch* uma cerimónia com carácter festivo, onde está sempre presente a expectativa de uma contraprestação, mesmo que ela implique batalha ou morte de uma das partes envolvidas<sup>54</sup>. Por outras palavras, o *potlatch* representa uma dádiva, uma forma de partilhar aquilo que se tem, que compromete aquele que recebe a retribuir com algo equivalente, ainda que seja mais tarde.

---

<sup>51</sup> M. MAUSS, *Ensaio sobre a Dádiva*, p. 55.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>53</sup> *Ibidem*.

<sup>54</sup> Cf. *Ibidem*, p. 59.

Esta prestação “é essencialmente usuária e sumptuária, e assiste-se, antes de mais, a uma luta dos nobres para assegurarem entre si uma hierarquia de que posteriormente aproveitará ao seu clã”<sup>55</sup>. É uma prestação com base na rivalidade e no antagonismo que, segundo Mauss, se poderia chamar com maior precisão de “prestação total de tipo agonístico”<sup>56</sup>. Na sua essência está a competição e a rivalidade – o convidado tenta superar o anfitrião no seu *potlatch* de retribuição, existindo um exagero de gastos, que tende a aumentar, mostrando assim a riqueza e o status dos chefes ou clãs:

“Em determinados *potlatch*, deve gastar-se tudo quanto se tem e não guardar nada. É ver quem será o mais rico e também o mais louco gastador. O princípio do antagonismo e da rivalidade funda tudo”<sup>57</sup>.

Tendo observado que as trocas são parte integrante das relações sociais tribais e inter-tribais, Mauss lança a interrogação:

“Qual a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa que se dá que faz com que o donatário a retribua?”<sup>58</sup>.

A resposta que Mauss adiantou para a questão baseou-se no estudo que fez sobre o povo Maori, para o qual as coisas dadas possuíam um *hau*<sup>59</sup>, um espírito, que gerava a obrigação de dar de novo.

Para melhor compreender este conceito, Mauss dá um exemplo da tribo Maori:

«Vou falar-vos do *hau*... o *hau* não é o vento que sopra. De modo nenhum. Suponham que possuem um determinado artigo (*taonga*) e que me dão esse artigo; vocês dão-mo sem um preço fixo. [...]. Ora, eu dou esse artigo a uma terceira pessoa que, passado algum tempo, decide dar qualquer coisa como pagamento (*utu*), presenteia-me com qualquer coisa (*taonga*). Ora, esse *taonga* que ela me dá é o espírito (*hau*) do *taonga* que eu recebi de vós e que lhe dei. Tenho de vos devolver os *taonga* que eu recebi por esses *taonga* (vindos de

---

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 59-60.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 110.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 56

<sup>59</sup> Cf. *Ibidem*, p. 80. Nota 26.

vós). Não seria justo (*tika*) da minha parte guardar esses *taonga* para mim, sejam eles desejáveis (*rawe*), ou desagradáveis (*kino*). Devo dar-vo-los porque eles são um *hau*. Do *taonga* que vós me haveis dado. Se eu conservasse esse segundo *taonga* para mim, poderia suceder-me mal, gravemente, até a morte. Tal é o *hau*, o *hau* da propriedade pessoal, o *hau* dos *taonga*, o *hau* da floresta.»<sup>60</sup>.

Deste modo, aquilo que se dá não é inerte, já que guarda em si algo do doador: “aceitar qualquer coisa de alguém é aceitar qualquer coisa da sua essência espiritual, da sua alma”<sup>61</sup>. Dar e receber não implica apenas a troca material, mas também uma troca espiritual: quem recebe tem a obrigação de retribuir ao outro a coisa recebida, pois ao aceitar recebe a sua alma<sup>62</sup>.

“A obrigação de retribuir é todo o *potlatch* na medida em que ele não consiste em pura destruição”<sup>63</sup>, podendo levar a sanções sociais, de que é exemplo a escravatura ou a perda da posição social. Mauss apresenta o exemplo de relação entre um chefe e o seu subordinado: este, se receber do seu chefe, uma manta como pagamento de um serviço, deverá retribuir essa dádiva com duas mantas, aquando do casamento da família do chefe<sup>64</sup>. “A obrigação de retribuir é dignamente imperativa”<sup>65</sup>. Retribuir implica aumentar ou não diminuir o que foi recebido, para não insultar o doador.

Além da obrigação de retribuir, Mauss considera que existem dois momentos complementares: a obrigação de dar e a obrigação de receber.

“A obrigação de dar é a essência do *potlatch*”<sup>66</sup>. É preciso dar para mostrar poder, riqueza, autoridade sobre a tribo, a família, sob pena de perder a sua posição, de não ser reconhecido como chefe<sup>67</sup>. Do mesmo modo, não se pode recusar uma dádiva, já

---

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>62</sup> Cf. *Ibidem*, p. 70.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>64</sup> Cf. *Ibidem*, p. 116.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>67</sup> Cf. *Ibidem*, p. 113.

que isso demonstra fraqueza ou, pelo contrário, superioridade, podendo levar à excomunhão ou desonra - é nisto que consiste a obrigação de receber<sup>68</sup>.

A dádiva é uma obrigação social, um elo comum entre os indivíduos, impelida por laços comunitários e de honra, segundo os quais, a recusa ou não retribuição adequada, leva à quebra de laços familiares e à criação de ressentimentos que podem durar uma vida. A dádiva não é desinteressada, antes estabelece uma circulação de bens que é do interesse de todos, criando uma espécie de “crédito” do doador sobre o recebedor, o que leva à constituição de um vínculo social entre as partes.

“Se damos as coisas e as retribuimos é porque *nos* damos e *nos* retribuimos «respeitos» - dizemos ainda «delicadezas». Mas também que damos *a nós mesmos* ao darmos aos outros, e, se damos, *a nós mesmos*, é porque «devemos» *a nós mesmos* – nós e o nosso bem – aos outros”<sup>69</sup>.

Além de Mauss, outros autores se debruçaram sobre a questão da dádiva, procurando demonstrar que o sistema da dádiva vai para além das prestações e contraprestações de caráter agonístico e que o mesmo existe nas sociedades modernas.

Alain Caillé e Jacques Godbout, na obra “O Espírito da Dádiva”, procuraram mostrar que “o dom é tão moderno e contemporâneo quanto característico das sociedades arcaicas; que não diz respeito apenas a momentos isolados e descontínuos da existência social, mas à sua totalidade”<sup>70</sup>.

A dádiva sobrevive nas sociedades contemporâneas quer através das relações interpessoais, que envolvem a família, amigos, vizinhos (dádiva doméstica), quer pelas relações entre desconhecidos (dádiva a estranhos)<sup>71</sup>.

Para estes autores, a dádiva “serve antes de mais para estabelecer ligações. E uma relação sem esperança de retorno (por parte daquele a quem se dá ou de um outro

---

<sup>68</sup> Cf. *Ibidem*, p. 115.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>70</sup> J. T. GODBOUT, com a colaboração de A. CAILLÉ, *O Espírito da Dádiva*, Instituto Piaget, Lisboa, 1997, p.<sup>20</sup>.

<sup>71</sup> Cf. *Ibidem*, p.38.

que se substituiria a ele), uma relação de sentido único, gratuita neste sentido, e sem motivo, não seria uma relação”<sup>72</sup>.

Nesta perspectiva, as sociedades contemporâneas continuam a reger-se pela lei da reciprocidade: quando alguém recebe alguma coisa, fica imediatamente em dívida com quem ofereceu, contudo, a retribuição nem sempre é equivalente ao recebido, sendo muitas vezes superior<sup>73</sup>.

Assim, a dádiva é definida como “toda a prestação de bens ou serviços efectuada sem garantia de retribuição, tendo em vista criar, alimentar ou restabelecer os laços sociais entre as pessoas”<sup>74</sup>.

Neste sentido, pode dizer-se que a dádiva não corresponde nem se explica pela lógica de mercado (dar para receber em troca algo equivalente), uma vez que na dádiva a retribuição surge de forma espontânea e muitas vezes é maior que a dádiva inicial, dependendo da relação que existe entre os sujeitos intervenientes.

Assim, “refletir acerca da dádiva é, na verdade, tentar compreender o que é uma obrigação social ou moral”<sup>75</sup>. Enquanto o mercado procura eliminar a dádiva através do pagamento de algo equivalente ao que se recebeu, na dádiva procura-se manter a dívida, o ciclo dar, receber, retribuir. Na relação de dádiva não se dá para receber, dá-se para que o outro dê. Deste modo, na dádiva os atores “introduzem um risco quanto à efetivação do contradom, de modo a se afastarem o máximo possível do contrato, do comprometimento contratual (mercantil ou social), e também da regra do dever”<sup>76</sup>.

---

<sup>72</sup> J. T. GODBOUT, *O Espírito da Dádiva*, p.14-15.

<sup>73</sup> Cf. J. T. GODBOUT, “Introdução à dádiva”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13 (38), 1998, p. 44. [URL] <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000300002>>, acedido em 5 maio 2016; J. T. GODBOUT, *O Espírito da Dádiva*, p.133-134.

<sup>74</sup> J. T. GODBOUT, *O Espírito da Dádiva*, p. 30.

<sup>75</sup> J. T. GODBOUT, “Introdução à dádiva”, p. 47.

<sup>76</sup> *Ibidem*.

A liberdade da dádiva remete para o laço social “e consiste em tornar o próprio laço mais livre, multiplicando os rituais que visam diminuir, para o outro, o peso da obrigação no seio da relação”<sup>77</sup>.

A dádiva é como um jogo entre a obrigação e a liberdade. Os bens circulam ao serviço dos vínculos que criam. O valor do laço tem mais importância que o valor da «troca» ou de «uso», pois não se explica pelo cálculo<sup>78</sup>.

Quem dá procura enriquecer a sua relação com aquele que recebe, não de uma forma coerciva, que implique a retribuição obrigatória, de forma explícita, mas que de certa forma liberalize a relação de ambos, ou seja, o doador dá porque quer, quem recebe é livre de o fazer e por sua vez de retribuir ou não. No entanto, no ato de dar e receber, ambos sabem que está implícita a sua relação, o “valor de laço” que o dom pressupõe. Como referem Godbout e Caillé: “ao circular o dom enriquece o laço e transforma os protagonistas. O dom contém sempre um além, um suplemento, qualquer coisa mais, que a gratuidade tenta nomear. É o valor de laço”<sup>79</sup>. Este valor de laço equivale ao *hau*, ao espírito da coisa que circula; “é o valor simbólico que se prende com o dom, que está ligado àquilo que circula sob a forma de dom”<sup>80</sup>.

Outro autor que se interessou pela questão da dádiva foi Maurice Godelier. Tal como Godbout, Godelier também afirma que a dádiva/ dom existe em toda a parte<sup>81</sup>.

Partindo do legado de Mauss, Godelier centra a sua atenção na questão do dar. Para o autor, Mauss sustenta a razão de dar na hipótese de que “aquilo que obriga a dar é precisamente o facto de que dar obriga”<sup>82</sup>. Dar estabelece uma dupla relação entre quem dá e quem recebe: por um lado, uma relação de solidariedade, pois quem dá

---

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>78</sup> Cf. J. T. GODBOUT, *O Espírito da Dádiva*, p. 245.

<sup>79</sup> J. T. GODBOUT, *O Espírito da Dádiva*, p. 245.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 247.

<sup>81</sup> Cf. J. T. GODBOUT, *O Espírito da Dádiva*, Instituto Piaget, Lisboa, 1997, p. 19; GODELIER, M., *O Enigma da Dádiva*, Edições 70, Lisboa, 2000, p. 9.

<sup>82</sup> M. GODELIER, *O Enigma da Dádiva*, p. 20.

partilha o que tem e, por outro, uma relação de superioridade, já que quem aceita fica em dívida com aquele de quem recebeu<sup>83</sup>.

A dádiva na sua essência deve ser vista como:

“uma prática ambivalente que une ou pode unir paixões e forças contrárias. Pode ser, simultânea ou alternadamente, acto de generosidade ou acto de violência, mas neste caso trata-se de uma violência disfarçada de gesto desinteressado, já que se exerce por meio e na forma de partilha”<sup>84</sup>.

Neste sentido, Godelier centra parte da sua atenção no dom e contradom não agonísticos, aqueles em que faltam elementos de rivalidade, onde quem dá e quem recebe procura a comunhão, a aliança e não o *potlatch*<sup>85</sup>.

Godelier estudou o povo Baruya (Nova Guiné), usando métodos etnográficos, e aí verificou que “a dívida contraída por uma dádiva não é anulada, apagada, por uma contradádiva idêntica”<sup>86</sup>, isto porque o que foi dado não foi completamente separado de quem o deu. O autor defende que “a coisa dada carrega consigo algo que faz parte do ser, da identidade daquele que dá”<sup>87</sup>. Contudo, considera que existe mais alguma coisa que faz com que quem dá não cesse de ter direitos sobre aquilo que deu – “dar é ceder os direitos de uso sem ceder o direito de propriedade”<sup>88</sup>.

Convicto de que aquela “força reside no facto de a coisa ou a pessoa não ser alienada quando é dada”, Godelier questiona o porquê da inalienabilidade da «coisa» que é dada, contrapondo a sua posição à de Mauss, segundo o qual essa força tem origem em razões espirituais, «de essência moral e religiosa», defendendo que “o que a religião faz não é impor um carácter inalienável a coisas comuns, mas impor um carácter sagrado à interdição de as alienar”<sup>89</sup>.

---

<sup>83</sup> Cf. M. GODELIER, *O Enigma da Dádiva*, p. 21.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*, p. 50.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>87</sup> *Ibidem*.

<sup>88</sup> *Ibidem*.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 59.

Através da análise das dádivas e contradádivas não agonísticas, Godelier conclui que dar é sinónimo de transferir (coisa ou pessoa) da qual se cede o uso mas não a propriedade, ou seja, “a coisa ou a pessoa dada não é alienada”<sup>90</sup>. Logo, a dádiva dá origem a uma dívida que não é paga por uma contradádiva, mesmo que seja equivalente, antes leva a uma nova dádiva, “obriga a *redar* (...); tornar a dar”<sup>91</sup>.

As dádivas e contradádivas supõem um estado de endividamento e dependência para ambas as partes, podendo dizer-se que “dar é, portanto, partilhar endividando ou, o que significa o mesmo, endividar partilhando”<sup>92</sup>.

Na perspetiva de Godelier, a dádiva não é um mecanismo de circulação e redistribuição de bens e pessoas:

“É também, mais profundamente, a condição da produção e reprodução de relações sociais que constituem a armadura específica de uma sociedade e caracterizam os vínculos que se cria entre os indivíduos e os grupos”<sup>93</sup>.

A dinâmica da dádiva e contradádiva assegura a reprodução e distribuição equitativa dos recursos dentro da sociedade<sup>94</sup>. Deste modo, pode dizer-se que o que faz movimentar a dádiva é “a vontade de indivíduos e/ou grupos de produzir (ou de reproduzir) entre si relações sociais que combinam solidariedade e dependência”<sup>95</sup>.

A dádiva é um elemento chave na produção e reprodução de relações sociais, ele é simultaneamente símbolo e instrumento dessas relações<sup>96</sup>.

Em suma, Godelier concluiu:

“Não poderia existir sociedade humana sem dois domínios, o domínio das trocas, seja o que for que se troca e independentemente da forma dessa troca, da dádiva ao *potlatch*, do sacrifício à venda, à compra, ao mercado, e o domínio em que os indivíduos e os grupos conservam preciosamente para si próprios, e depois transmitem aos seus descendentes ou aos que partilham a mesma fé, coisas, narrações, nomes, formas de

---

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>91</sup> *Ibidem*.

<sup>92</sup> *Ibidem*.

<sup>93</sup> *Ibidem*.

<sup>94</sup> Cf. *Ibidem*, p. 62-63.

<sup>95</sup> *Ibidem*, p. 122.

<sup>96</sup> Cf. *Ibidem*, p. 126.

pensamento. Pois o que se guarda constitui sempre «realidades» que transportam os indivíduos e os grupos para outro tempo, levam-nos para as suas origens, à origem”<sup>97</sup>.

Sem dádiva não se consegue constituir a sociedade humana. A dádiva constitui-se como um elemento fundador da vida e ao mesmo tempo como seu impulsionador, conseguindo conciliar em si as lógicas do interesse e da obrigação, mas priorizando a lógica do vínculo social, da relação entre as partes.

Assim, podemos dizer que a dádiva e a sociedade são realidades interdependentes, regidas não pela lógica do dar-receber, mas pela lógica dar-receber-retribuir, em que o bem retribuído nunca tem valor igual ao recebido, pois não importa o valor em termos quantitativos, mas qualitativos, daí a retribuição poder/dever ocorrer num outro momento, por forma a dinamizar as práticas sociais.

Tendo em conta esta função estrutural da dádiva, poder-se-á encontrar uma particular inteligência da experiência cristã do Natal, enquanto acontecimento de dádiva. Não no sentido de uma pura adequação a esta estrutura da comunicação humana. Antes, sublinhando o facto de a mensagem cristã responder a essa abertura antropológica, e poder dar-lhe um sentido especificamente evangélico.

## **2. Natal: Deus dá-se à humanidade**

Ao pensarmos no Natal, o que primeiro nos vem à ideia é o nascimento de Jesus, mas este pensamento é muito simplista, mais do que o aniversário do nascimento de Jesus, celebramos o mistério da Encarnação do Filho de Deus, a revelação do próprio Deus, que se autocomunica aos Homens. Naquela noite, em Belém, Deus tornou-se próximo de todos os homens no seu filho Jesus, o Emanuel, o Deus próximo, no meio do seu povo, reconhecido como o Messias esperado.

---

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 257.

Nas palavras de Karl Rahner “trata-se de uma «autocomunicação» ontológica de Deus (...) como mistério pessoal e absoluto, ao homem, enquanto ser de transcendência”<sup>98</sup>. Deus entrega-se a si mesmo como dom à humanidade, tornando-se presente e atuante na história.

Para a Igreja, a revelação de Deus aos homens em Jesus Cristo, Seu Filho, o Verbo encarnado, está consagrada na Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina – Dei Verbum – onde podemos ler:

“Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Heb. 1, 1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cfr. Jo. 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado «como homem para os homens», «fala, portanto, as palavras Deus» (Jo. 3,34)”<sup>99</sup>.

A Encarnação tem origem no amor de Deus pelos homens, o próprio Deus entra na vida dos homens, faz-se participante da natureza humana, enviando o seu Filho Unigénito: “e o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco” (Jo 1, 14)<sup>100</sup>. O Filho de Deus fez-se verdadeiramente homem sem deixar de ser Deus. Este mistério “é o sinal distintivo da fé cristã”<sup>101</sup>.

No admirável plano da doação que Deus faz de si mesmo, a Encarnação é o acontecimento central e Maria foi a escolhida e mediadora que através do seu “faça-se” trouxe ao mundo a união de Deus com a humanidade.

Em São Lucas encontramos a descrição deste momento: o anjo Gabriel enviado por Deus diz a Maria:

“Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. (...) O Espírito Santo virá sobre ti e a força

---

<sup>98</sup> K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe – Introducción al concepto de Cristianismo*, Editorial Herder, Barcelona, 1979, p. 148.

<sup>99</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição dogmática A Revelação Divina (Dei Verbum)*, 4, Editorial A. O., Braga, 1987.

<sup>100</sup> As citações bíblicas utilizadas em todo o trabalho correspondem à versão: *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa-Fátima 2008.

<sup>101</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999, n. 463

do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus” (Lc 1, 31-35).

Maria, cheia de fé e confiança em Deus, dá o seu consentimento: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).

O Verbo eterno de Deus, que existe desde sempre, encarnou; fez-se carne no seio da Virgem Maria, pelo poder do Espírito Santo.

“ «Deus enviou o Seu Filho» (Gl 4, 4). Mas, para Lhe «formar um corpo», quis a livre cooperação duma criatura. Para isso, desde toda a eternidade, Deus escolheu, para ser a Mãe do seu Filho, uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré, na Galileia, «virgem que era noiva de um homem da casa de David, chamado José. O nome da virgem era Maria» (Lc 1, 26-27)”<sup>102</sup>.

Jesus Cristo, o Filho único do Pai, nascido de Maria é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. N’Ele Deus entrou na família humana. Em Jesus, Deus desceu até nós, veio viver com os homens, ele é o Emanuel, Deus conosco<sup>103</sup>.

Pela Encarnação, Deus tornou possível o diálogo do homem com Ele. Jesus é o maior dom de Deus à humanidade, n’Ele a natureza assumida, não absorvida, foi elevada a uma dignidade sem igual<sup>104</sup>. Como refere Bento XVI: “Deus revela o seu grande desígnio de amor, entrando em relação com o homem, aproximando-se dele a ponto de se fazer Ele mesmo homem”<sup>105</sup>.

Os Evangelhos da Infância atestam que Jesus é verdadeiro homem, de carne e osso, sujeito às condições de um povo<sup>106</sup>. Jesus, o Filho de Deus, fez-se verdadeiramente homem, nasceu da Virgem Maria, numa época e lugar determinados,

---

<sup>102</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 487.

<sup>103</sup> Cf. BENTO XVI, *Homilia do Santo Padre Bento XVI na Missa da Noite de Natal*, 24 de dezembro de 2010. [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2010/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20101224\\_christmas\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20101224_christmas_po.html)>, acessado a 20/07/2016.

<sup>104</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 470

<sup>105</sup> Cf. BENTO XVI, *Audiência Geral*, 5 de janeiro de 2011. [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20110105\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110105_po.html)>, acessado a 25/07/2016.

<sup>106</sup> Cf. Lc 1, 27; 2, 40; 51-52; Mt 1, 16-17; 2, 1.

em Belém, durante o reinado do imperador Augusto, sob o governador Quirino, cresceu numa família, teve amigos<sup>107</sup>.

O Magistério da Igreja, por seu lado, refere que Jesus “trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou como um humano. Nasceu da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante em tudo, excepto no pecado”<sup>108</sup>.

São João evidencia a origem de Jesus no mistério divino: “No princípio havia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus... o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco”<sup>109</sup>. João situa em Deus a vida eterna de Jesus; Ele não começou a existir ao fazer-se homem, antes de encarnar no seio da Virgem Maria, antes que o mundo existisse, Ele já existia na eternidade divina. E num determinado momento da história, o Filho de Deus fez-se homem.

São João mostra que o Verbo, que é Deus, está presente desde toda a eternidade e que Ele é a força criadora da realidade humana, tendo Ele próprio assumido essa condição, revelando-se na Pessoa do Filho. Como refere Karl Rahner, “Deus comunicou-se (aos homens) em Jesus de maneira singular e insuperável, de modo que nele se fez doação completa de si mesmo”<sup>110</sup>.

Liturgicamente, o Natal, festa do nascimento de Jesus, do mistério da manifestação de Sua encarnação, celebra-se a 25 de dezembro. Esta festa é assinalada pela primeira vez no calendário civil romano – Cronógrafo – no ano de 354<sup>111</sup>.

Historicamente, o Natal teve origem nas festas pagãs em honra do sol, por altura do solstício de Inverno. A celebração do *Sol invictus*, da festa pagã do *Natalis invicti*, dá

---

<sup>107</sup> Cf. Lc 2, 1-2.

<sup>108</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição pastoral A Igreja no mundo actual (Gaudium et Spes)*, 22, Editorial A. O., Braga, 1987.

<sup>109</sup> Jo 1, 1-14.

<sup>110</sup> K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe – Introducción al concepto de Cristianismo*, Editorial Herder, Barcelona, 1979, p. 338.

<sup>111</sup> Cf. G. RAMIS, “Año Litúrgico, Ciclo de Adviento-Navidad-Epifanía”, in D. BOROBIO (Dir.), *La Celebración en la Iglesia, III, ritmos y tempos de la celebración*, Ed. Sígueme, Salamanca, 1994, p. 174.

origem à festa do Natal, na qual se celebra o nascimento de Jesus, o verdadeiro sol/ luz que ilumina o mundo<sup>112</sup> - “O início da luz verdadeira é a manifestação de Cristo na visibilidade da nossa carne”<sup>113</sup>.

A celebração do Natal para os cristãos, não é festejar um acontecimento do passado, mas fazer memória presente do nascimento de Jesus, é celebrar o mistério da encarnação, da manifestação do amor de Deus pelos homens com a dádiva do Seu Filho.

Como refere Bento XVI:

“ O Natal não é um simples aniversário do Nascimento de Jesus, é também isto, mas é muito mais, é a celebração de um Mistério que marcou e continua a marcar a história do homem, o próprio Deus veio habitar no meio de nós (cf. Jo 1,14), fez-se um de nós; um Mistério que diz respeito à nossa fé e à nossa existência; um Mistério que vivemos concretamente nas celebrações litúrgicas, em particular na Santa Missa”<sup>114</sup>.

Na missa da Noite de Natal, o refrão do Salmo responsorial faz referência a um acontecimento atual – Hoje nasceu o nosso Salvador, Jesus Cristo Senhor – nele afirmamos que Jesus nasce hoje, está presente no nosso mundo, que o podemos encontrar “hoje” na atualidade, pois Ele, o Filho eterno de Deus, entrou na história da humanidade e nela permanece para além do nosso tempo. “Tanto hoje como outrora, Deus revela-se na carne, ou seja, no «corpo vivo» da Igreja peregrina no tempo”<sup>115</sup>.

São Leão Magno, numa das suas homilias de Natal referia:

“ «Hoje o Autor do mundo foi gerado do seio de uma virgem: Aquele que fez todas as coisas tornou-se filho de uma mulher, por Ele mesmo criada. Hoje, o Verbo de Deus apareceu revestido de carne e, embora nunca tivesse sido visível aos olhos humanos,

---

<sup>112</sup> Cf. G. RAMIS, “Año Liturgico, Ciclo de Adviento-Navidad-Epifania”, p. 177-178.

<sup>113</sup> G. RAMIS, “Año Liturgico, Ciclo de Adviento-Navidad-Epifania”, p.178.

<sup>114</sup> BENTO XVI, *Audiência Geral*, 21 de dezembro de 2011. [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20111221\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111221_po.html)>, acessado a 10/08/2016.

<sup>115</sup> BENTO XVI, *Audiência Geral*, 5 de janeiro de 2011. [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20110105\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110105_po.html)>, acessado a 25/07/2016.

tornou-se também visivelmente palpável. Hoje, os pastores ouviram da voz dos anjos que nasceu o Salvador, na substância do nosso corpo e da nossa alma.»<sup>116</sup>.

Pode-se assim dizer que o Natal celebra um acontecimento privilegiado: Deus feito homem. Não é reviver um evento passado e longínquo, mas uma realidade sempre presente e atuante. Deus fazendo-se carne, doou-se a si próprio, no Seu Filho, aos homens; assumiu a nossa humanidade oferecendo-nos uma participação na sua condição de Filhos de Deus.

Como refere Bento XVI, “o Natal veio a ser a festa dos dons para imitar Deus que por nós doou-se a si próprio”<sup>117</sup>. A Encarnação é o máximo dom de Deus, a máxima manifestação do Seu amor gratuito.

### **3. As vivências do Natal**

Um dos gestos mais significativos para expressar o agradecimento do dom é a festa. O Natal é, como refere Bento XVI, “ocasião para acolher, como dom pessoal, a mensagem de esperança que promana do mistério do nascimento de Cristo”<sup>118</sup>

O Natal é um marco na história da humanidade, é o acontecimento religioso mais secularizado e celebrado por crentes e não crentes. Todos preparam e celebram a data, uns com o sentido religioso de celebrar a encarnação do Filho de Deus, outros na perspectiva social, como uma festa onde se reúne a família e há o apelo à prática da solidariedade com os mais desfavorecidos.

Pelo exposto pode-se afirmar que as vivências sociais e religiosas do Natal se relacionam. Podemos conceber o Natal como um “facto social”, já que também ele

---

<sup>116</sup> Apud, BENTO XVI, *Audiência Geral*, 21 de dezembro de 2011. [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20111221\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111221_po.html)>, acessado a 10/08/2016.

<sup>117</sup> BENTO XVI, *Homilia do Santo Padre Bento XVI*, 24 de dezembro de 2006. [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20061224\\_christmas\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20061224_christmas_po.html)>, acessado a 17/08/2016.

<sup>118</sup> Bento XVI, *Audiência Geral*, 11 de dezembro de 2008. [URL] <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20081217.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081217.html)>, acessado a 17/08/2016.

agrega aspetos da vida social, sejam económicos, religiosos ou culturais. A nível económico encaixam as prendas, aspeto tão valorizado pela sociedade e que se revela quer pela publicidade televisiva, quer pelas montras atrativas, principalmente com brinquedos e motivos alusivos à época, apelando ao consumo. Relativamente ao aspeto religioso, está no centro a celebração do nascimento de Jesus Cristo, com diversas práticas como a construção de presépios, o enfeite da árvore de Natal, a participação na “Missa do Galo”. No Natal celebra-se o maior presente, a maior dádiva de Deus para a humanidade: “Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16); “Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; tem a soberania sobre os seus ombros, e o seu nome é: Conselheiro-Admirável, Deus herói, Pai-Eterno, Príncipe da paz” (Is 9, 5). Ao aspeto religioso, liga-se o aspeto cultural, com a reunião de família e a troca de presentes, por associação ao gesto praticado pelo Reis Magos, que levaram presentes ao Deus Menino: “e, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra” (Mt 2, 11).

No Natal também está presente a reciprocidade verificada por Mauss, já que é altura em que se dão, recebem e retribuem presentes, onde está presente a troca. Esta é recíproca e simultânea. Não há um tempo para avaliar e refletir sobre o valor do que se recebe para depois retribuir por algo equivalente, contudo, ao pensarmos num presente pensamos na pessoa a quem o vamos oferecer, na escolha está presente o grau de relação, o laço social que temos com essa pessoa.

Como refere Godbout, “na oferta de um presente, o objetivo não é dispor de um mecanismo que permita uma perfeita correspondência com as preferências do donatário.

A aposta do presente é que o doador demonstre que sabe de que é que o donatário gosta”<sup>119</sup>.

Um presente revela simpatia, apreço, doa-se de forma gratuita sem esperar nada em troca. Se pensarmos bem, o gesto de doar está no centro do Natal, recorda-nos precisamente o dom que lhe dá início e sentido: Deus fez-se dom/presente para a humanidade, assumiu a nossa humanidade no Seu Filho Jesus. Também nós, nesta altura do ano nos esforçamos por oferecer presentes àqueles que gostamos mais, contudo, muitas vezes esquecemo-nos que o verdadeiro dom é doarmos algo de nós próprios.

Para os cristãos, os presentes manifestam a alegria pelo nascimento de Jesus; eles têm sentido na medida que ajudam à tomada de consciência de que o maior presente de Natal é a vinda de Deus até nós no Seu Filho, a quem afetivamente chamamos Deus Menino, o grande dom do amor de Deus.

---

<sup>119</sup> J. T. GODBOUT, *O Espírito da Dádiva*, p. 246.

### III – Propostas de atividades para enriquecimento da UL2 – Advento e Natal

Tendo em atenção o trabalho desenvolvido ao longo da Prática de Ensino Supervisionada e após a reflexão sobre o Natal na perspetiva da dádiva, considera-se pertinente a sugestão e apresentação de atividades didáticas a desenvolver em paralelo à lecionação da UL 2, no sentido de enriquecer e valorizar a vivência do Natal como construtor de comunidade e em ambiente escolar, procurando colocar em prática a dinâmica do dom no que respeita à saída de si, ou seja, dar-se e ser para o outro.

#### 1 – Dramatização da passagem bíblica alusiva à Adoração dos Magos<sup>120</sup>

<sup>1\*</sup>Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. <sup>2\*</sup>E perguntaram: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.» <sup>3</sup>Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele. <sup>4\*</sup>E, reunindo todos os sumos sacerdotes e escribas do povo, perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. <sup>5</sup>Eles responderam: «Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta:

*<sup>6\*</sup>E tu, Belém, terra de Judá,  
de modo nenhum és a menor entre  
as principais cidades da Judeia;  
porque de ti vai sair o Príncipe  
que há-de apascentar o meu povo de Israel.»*

<sup>7</sup>Então Herodes mandou chamar secretamente os magos e pediu-lhes informações exactas sobre a data em que a estrela lhes tinha aparecido. <sup>8</sup>E, enviando-os a Belém, disse-lhes: «Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino; e, depois de o encontrardes, vinde comunicar-mo para eu ir também prestar-lhe homenagem.» <sup>9</sup>Depois de ter ouvido o rei, os magos puseram-se a caminho. E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o menino, parou. <sup>10</sup>Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria; <sup>11\*</sup>e, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. <sup>12</sup>Avisados em sonhos para não voltarem junto de Herodes, regressaram ao seu país por outro caminho.

---

<sup>120</sup> Mt 2, 1-2.

O professor pede aos alunos para lerem o texto em silêncio e em seguida convida-os à dramatização (Personagens: Narrador; Herodes; 3 Magos; Jesus Menino; Maria e José).

Terminada a representação procede à exploração do texto:

- Como se sentiram a representar?
- O que aprenderam: o que nos diz o texto?
- O que nos sugere o texto para o novo ano: atitudes... mudança de vida...

melhorar o que já fazemos...

## **2 - Ser para os outros**

Trabalho de grupo ou a pares sobre atitudes concretas de dádiva: elaboração de cartazes para expor nos corredores ou no átrio de entrada da escola com convite à prática dessas atitudes diárias ou semanais. Exemplos de atitudes: semana do sorriso; dia do abraço; dia do olá; dia do obrigado; semana do “se faz favor” e “com licença”.

Com esta atividade pretende-se que os alunos se descentrem e dêem algo de si aos outros; desenvolvam o sentido de atenção e sensibilidade pelos que estão ao seu redor, percebendo que o dar-se aos outros é sempre retribuído, ainda que não de maneira materialista.

## **3 – Mural de Natal**

Elaborar um mural, pode ser uma árvore, e convidar a comunidade escolar a escrever uma mensagem de Natal. Esta atividade tem como objetivo levar os intervenientes a refletirem sobre a realidade do Natal, manifestando livremente a sua vivência e interpretação do mesmo.

## **4 – Campanhas Solidárias**

- Recolha de brinquedos para entregar a meninos de uma Instituição Sócio Caritativa.

- Mochila Solidária: recolha de material escolar de desgaste para doar a alunos carenciados da própria escola ou, para evitar constrangimentos, doar às Missões, podendo criar-se uma “liga de amigos missionários” em que os alunos troquem correspondência e experiências, tendo como elo de ligação uma equipa ou instituto missionário.

As campanhas de solidariedade têm como objetivo procurar mobiliza os alunos para os valores da solidariedade e da cooperação, levando-os a reconhecer que a dádiva pressupõe não apenas o símbolo material do que se dá, mas sobretudo a exigência humana de dar/partilhar gratuitamente que está intrinsecamente ligada à lógica do dom.

### **5 – Caminhada Solidária**

Atividade aberta à comunidade escolar, incluindo pais, a realizar no final do primeiro período escolar ou numa tarde sem componente letiva. Para a participação nesta caminhada existirá uma jóia de inscrição por participante (um bem alimentar não perecível) que terá como destino a elaboração de Cabazes de Natal a distribuir pelas famílias carenciadas da escola, com a colaboração do apoio socio caritativo da paróquia envolvente, ou a entregar a uma Instituição Social local.

Tal como nas campanhas solidárias, a caminhada pretende reunir a família e em conjunto contribuir para o bem do outro, aquele que é mais frágil. Esta dádiva, embora implique o bem material, vai além disso, implica a disposição interior de entrega pessoal para que o outro se sinta reconfortado, sem esperar que objetivamente eu seja recompensado por ele.

### **6 –Gincana / *Peddy paper* “À descoberta do Natal”**

Atividade a inserir nas comemorações das atividades de final do primeiro período escolar com o objetivo de promover a interdisciplinaridade, o convívio entre todos os alunos. Com esta atividade pretende-se englobar todos os alunos independentemente da sua vivência de Natal, procurando que no desenrolar do jogo os alunos se apercebam que o mais importante é a relação que estabelecem uns com os outros e que com a entrega de cada um conseguirão tornar o grupo mais forte e estreitar laços. A gincana decorrerá no espaço interior e exterior da escola, é constituída por sete postos e cada posto terá um dinamizador que orientará as várias equipas. Tratando-se de uma atividade de final de período, esta pode contar com a colaboração dos vários Departamentos Disciplinares, embora a proposta de realização parta do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, mais concretamente do professor de EMRC.

A participação na gincana, deve ser por turma, os alunos devem formar equipas de cinco elementos, escolher um nome para a equipa e proceder à inscrição junto do professor de EMRC.

No início da gincana será entregue, a cada equipa, um mapa com a localização dos postos e serão explicadas as regras: devem seguir a ordem indicada no mapa; respeitar as indicações dos responsáveis dos postos; em cada posto será entregue uma peça de puzzle que deverão guardar para no final proceder à sua montagem.

#### **Posto 1 – Natal do mundo**

Cada equipa faz um postal de Natal e escreve uma mensagem natalícia. Na frente do postal, além de um desenho terá de escrever Feliz Natal em pelo menos cinco línguas.

#### **Posto 2 – Os presentes dos Magos**

Corrida de obstáculos em que as equipas têm de transportar o maior número de presentes no menor tempo possível e com eles construir uma árvore de Natal. Cada elemento da equipa terá de transportar o seu presente de forma “diferente”: o primeiro

transporta com os olhos vendados, seguindo instruções orais; o segundo com os pés atados; o terceiro não pode utilizar as mãos; o quarto ao pé-coxinho; o quinto corre. Só quando a equipa tiver concluído o percurso é que pode montar a árvore de Natal.

### **Posto 3 – Natal com arte**

Cada elemento da equipa terá de desenhar um símbolo de Natal, não podendo utilizar as mãos, mas a boca, os dedos dos pés ou os braços.

### **Posto 4 – Memória de Natal**

Mostrar a cada equipa um conjunto de 20 objetos de Natal durante 30 segundos. De seguida, tapar os objetos e pedir que escrevam a lista de objetos observados. Ganha a equipa que conseguir acertar em mais objetos: cada objeto vale 5 pontos.

### **Posto 5 – Música dos Anjos**

Cada equipa tem de criar uma canção de Natal: pode escrever uma nova letra para uma melodia de Natal conhecida; recriar uma música conhecida adaptando o género musical (rap; rock ; fado...).

### **Posto 6 – *Quiz* de Natal<sup>121</sup>**

Cada equipa terá de responder a um questionário sobre a temática do Natal. A dinâmica a implementar pode ser pelo confronto de duas equipas, em que cada uma para responder à questão terá de acionar uma buzina, respondendo a equipa que primeiro o fizer. Por cada resposta correta a equipa ganha 5 pontos. Outra dinâmica poderá ser a entrega do *Quiz* às equipas para que assinalem as respostas corretas, atribuindo os mesmos cinco pontos por cada resposta certa.

### **Posto 7 – Puzzle de Natal<sup>122</sup>**

Neste posto as equipas em conjunto terão de organizar as peças que foram recolhendo nos postos anteriores, construindo assim um puzzle representativo do Natal.

Este puzzle será depois exposto no átrio de entrada da escola.

---

<sup>121</sup> Anexo I

<sup>122</sup> Anexo II

O Natal é tempo de celebração, de partilha, é a época do ano mais esperada por muitos para reunir a família; é tempo de troca de presentes, mas muitas vezes esquece-se o verdadeiro sentido que tem o nascimento de Jesus. A proposta de realização destas atividades surgiu como oportunidade para resgatar a importância da partilha e acolhimento que é, sem dúvida, uma das melhores formas de celebrar o nascimento de Jesus, nomeadamente num ambiente (escola) onde nem sempre há tempo para parar, refletir e olhar o outro.

Todas estas atividades trabalham implicitamente a dinâmica do dom, na medida em que cada participante dá de si ao outro e o que dá também lhe é retribuído; a dádiva de si permite estabelecer, manter ou reforçar laços que serão retribuídos ainda que de outra forma e/ ou numa altura diferente.

É esta entrega de uns aos outros, de forma gratuita, sem esperar nada em troca, que caracteriza o Natal, que é o seu centro e nos recorda o dom que deu início e sentido ao Natal: Deus fez-se presente para os homens, assumindo a nossa humanidade de forma gratuita, por amor.

## **Conclusão**

O Natal é, em quase todo o mundo, uma festa conhecida. Quando se pensa em Natal, vem à ideia um tempo de descanso, uma festa em que se reúne a família e se trocam presentes, mais uma estratégia comercial para a compra e venda de presentes, mas também, para os cristãos, a celebração do maior dom de todos, o nascimento de Jesus Cristo, em que Deus se faz homem, participa da natureza humana, sem deixar de ser Deus. Esta doação de Si à humanidade acontece sem qualquer imposição, de forma gratuita e desinteressada.

A lecionação desta temática, embora pareça ser tarefa simples, na verdade torna-se complexa, uma vez que, mesmo para os alunos crentes, aquilo que primeiro lhes faz lembrar o Natal são as prendas e a reunião da família.

A abordagem do Natal na perspetiva da dádiva exige uma reflexão não só teológica – Deus, por amor, deu-se à humanidade, no Seu Filho, de uma forma totalmente gratuita, mas também uma reflexão sobre a implicação humana desse gesto – se se recebe gratuitamente, também se deve retribuir da mesma forma. Este contra dom é expresso na partilha que se faz com os outros, na troca de presentes que, para os crentes, são símbolo da entrega de si ao outro, o reforço dos laços familiares ou de amizade e a manifestação pela alegria pelo nascimento do Deus Menino.

Antes de iniciar o período da Prática de Ensino Supervisionada (PES), a preocupação era saber se estava à altura de enfrentar uma turma, numa realidade cultural diferente, se realmente conseguiria pôr em prática as finalidades e objetivos da disciplina, conseguindo criar empatia e cativar os alunos.

Através da PES teve-se a oportunidade de alargar horizontes sobre os problemas existentes nas escolas e a importância da planificação de aulas, quer a longo, médio e curto prazo. Contudo, é importante lembrar que aquilo que por vezes se planifica para uma aula, pode não ser totalmente cumprido, pois muitas vezes os alunos surgem com

interesses ou dúvidas que levam ao prolongamento de determinado conteúdo. Estes imprevistos ocorrem com muita frequência, pelo que o professor deve ter a capacidade de saber ouvir os alunos e selecionar a informação mais pertinente, dando-lhes sempre resposta, mas não perdendo os objetivos da aula planeada.

Na missão de ensinar destacam-se principalmente as áreas do saber-saber, saber-fazer, saber-ser e saber estar/conviver com os outros<sup>123</sup>, esquecendo que o professor de EMRC além de ser veículo para essas áreas deve também ser “uma voz de esperança, em nome da fé e como experiência de caridade, propondo um discurso marcado pela gratuidade, estruturando relações que se baseiam no amor que olha o rosto do outro, como presente que interpela e a que não se é indiferente”<sup>124</sup>.

Neste sentido, procurou-se que a relação pedagógica com os alunos se baseasse no respeito mútuo, na atenção ao grupo turma e a cada um dos alunos, interpelando-os pelo nome, mobilizando-os para tarefas que facilitassem o desenvolvimento de competências sociais, aplicando estratégias e desenvolvendo atividades que suscitassem a curiosidade e apelassem à sua vontade de querer saber mais, valorizando as suas respostas e prestando atenção a todas as suas intervenções, mantendo um ambiente dinâmico, de proximidade, pautado pela serenidade e alegria.

Refletindo sobre a prática letiva, considera-se que foi muito proveitosa, permitiu consolidar a prática já existente, experimentar novas estratégias, tomar consciência da necessidade e importância da simplificação de conceitos, linguagem e da realização de materiais que facilitem a aprendizagem e compreensão de conteúdos através do lúdico, tornando-a mais significativa e apelativa para os alunos.

Atendendo à especificidade da disciplina no contexto escolar, o professor de EMRC deve ter um papel proativo, dinamizador, “sentir sempre a inquietude de ousar

---

<sup>123</sup> Cf. Jacques DELORS et al, *Educação: um tesouro a descobrir* - Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, Cortez Editora, São Paulo, 1998, p. 89-90.

<sup>124</sup> D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS SANTOS, “O Professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”. In *Pastoral Catequética* - Revista de Catequese e Educação nº 21/22, SNEC, 2012, p. 17.

partir ao encontro do outro”<sup>125</sup>, através de uma “relação respeitosa e compreensiva, que permite aos alunos manifestarem-se com espontaneidade e naturalidade, sem a necessidade de manipular a própria identidade para ‘ganhar’ a aceitação e o apreço do mestre”<sup>126</sup>.

Considera-se imprescindível que cada professor planeie e avalie o processo de ensino-aprendizagem e o seu efeito no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos, sem menosprezar o carácter lúdico da aprendizagem; é importante que cada aluno tenha prazer ao aprender e adquira ferramentas que o vão ajudar a ser cada vez mais autónomo, preparando-o para a vida em sociedade.

A PES foi um percurso de evolução profissional e pessoal. A nível profissional pelas reflexões aula a aula, que permitiram a análise dos pontos fortes, mas também das falhas que se procuraram ultrapassar. A nível pessoal, pela tomada de consciência das capacidades de comunicação/relação com os alunos e criatividade, aumentando a autoconfiança.

No que respeita às aulas de EMRC, estas podem ser o meio pelo qual a temática do Natal se materializa, já que nelas se procura dar a conhecer chaves de leitura do fenómeno religioso e da maneira como este se relaciona e está presente na cultura e na sociedade. O Natal é deste modo um objeto concreto a ser abordado na disciplina, apresentando-se o seu estudo na perspetiva da dádiva como um desafio para a futura prática letiva - urge transpor a barreira entre fé e cultura, fé e valores sociais.

---

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 18

<sup>126</sup> ROVIRA, J. citado por Fernando MOITA, “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, *Pastoral Catequética – Revista de Catequese e Educação* nº 26, SNEC, 2013, p. 67.

## **Bibliografia**

### **Documentos**

*Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição dogmática A Revelação Divina (Dei Verbum)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 219-234.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição pastoral A Igreja no mundo actual (Gaudium et Spes)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 343-418.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal – Educação Integral da Pessoa Humana*, C. E. P., Lisboa, 2008.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, SNEC, Lisboa 2014.

### **Estudos e Ensaios**

ARENDS, R., *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 2008.

DELORS, Jacques et all, *Educação: um tesouro a descobrir* - Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, Cortez Editora, São Paulo, 1998.

GODBOUT, J. T., *O Espírito da Dádiva*, Instituto Piaget, Lisboa, 1997.

GODELIER, M., *O Enigma da Dádiva*, Edições 70, Lisboa, 2000.

SANTOS, D. ANTÓNIO FRANCISCO DOS, “O Professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, *Pastoral Catequética* - Revista de Catequese e Educação nº 21/22, SNEC, Lisboa, 2012, p. 9-19.

MOITA, F., “A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual”, *Pastoral Catequética* – Revista de Catequese e Educação nº 26, SNEC, Lisboa, 2013, p. 53-73.

MAUSS, M., *Ensaio sobre a Dádiva*, Edições 70, Lisboa, 2011.

RAHNER, K., *Curso fundamental sobre la fe – Introducción al concepto de Cristianismo*, Editorial Herder, Barcelona, 1979.

RAMIS, G., “Año Litúrgico, Ciclo de Adviento-Navidad-Epifanía”, in BOROBIO, D. (Dir.), *La Celebración en la Iglesia, III, ritmos y tempos de la celebración*, Ed. Síguime, Salamanca, 1994, 171-196.

## **Webgrafia**

BENTO XVI, Homilia do Santo Padre Bento XVI, 24 de dezembro de 2006, in [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20061224\\_christmas\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20061224_christmas_po.html)>, acedido a 17/08/2016.

BENTO XVI, Audiência Geral, 11 de dezembro de 2008, in [URL] <[https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20081217.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081217.html)>, acedido a 17/08/2016.

BENTO XVI, *Homilia do Santo Padre Bento XVI na Missa da Noite de Natal*, 24 de dezembro de 2010, in [URL]

<[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2010/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20101224\\_christmas\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20101224_christmas_po.html)>, acessado a 20/07/2016.

BENTO XVI, *Audiência Geral*, 5 de janeiro de 2011, in [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20110105\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110105_po.html)>, acessado a 25/07/2016.

BENTO XVI, *Audiência Geral*, 21 de dezembro de 2011, in [URL] <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/audiences/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20111221\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111221_po.html)>, acessado a 10/08/2016.

GODBOUT, J. T. “Introdução à dádiva”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13 (38), 1998, 39-52, in [URL] <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000300002>>, acessado a 05/05/2016.

PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE AZAMBUJA, in [URL] <<http://www.agrupamentoescolasazambuja.com/index.php/organizacao/projeto-educativo>>, acessado a 23/03/2016.

SOUSA, M. & SARMENTO, T., “Escola – Família - Comunidade: Uma relação para o sucesso educativo”, *Gestão e Desenvolvimento*, Nº 17-18 (2009-2010), p. 141-156, in [URL] <<http://hdl.handle.net/10400.14/9117>>, acessado em 20/09/2017.

## **Anexos**

## Anexo 1

### Quiz de Natal

De certeza que vocês têm muitos conhecimentos sobre o Natal... história, tradições, símbolos... Testem agora os vossos conhecimentos!

#### 1- Para os cristãos, o que se celebra no Natal?

- A Última Ceia de Jesus com os discípulos
- O Nascimento de Jesus
- A Ressurreição
- A chegada de Jesus a Nazaré



#### 2- Uma das origens do Natal está ligada a uma festa pagã do Império romano, muito antes do Cristianismo. Como se chamava?

- Festa da Lua
- Festa da Luz
- Festa do Sol Invictus
- Festa de Zagmuk

#### 3- Porque dizemos que no Natal celebramos a festa da dádiva?

- porque trocamos prendas
- porque Deus revelou o Seu amor em José
- porque Jesus entregou a sua vida na cruz
- porque Deus se revela aos homens no Seu Filho

#### 4- No Natal dão-se presentes. Qual o sentido desta dádiva?

- dá-se porque os outros dão
- dá-se por tradição
- dá-se para estabelecer/ reforçar laços
- dá-se para receber



**5- Segundo a tradição cristã quais foram os presentes que os Magos deram ao Menino Jesus?**

- Ouro, cinza, aloés
- Mirra, ouro, incenso
- Diamantes, ouro, alecrim
- Ouro, alfazema, mirra



**6- Como se chamavam os reis magos?**

- Baltazar, Gabriel, Belchior
- Baltasar, Belchior, Maciel
- Gaspar, Baltasar, Belchior
- Gaspar, Rafael, Maciel

**7- Onde nasceu Jesus?**

- Nazaré
- Belém
- Jerusalém
- Cafarnaum

**8- Qual a origem da árvore de Natal?**

- Estados Unidos da América
- Portugal
- Inglaterra
- Alemanha



**9- O que representa a estrela colocada no topo da árvore de Natal?**

- A mesa farta da noite de Natal
- O nascimento de Jesus
- A estrela que guiou os Magos
- A prosperidade do Natal

**10- Que nome se dá à ceia de Natal?**

- Jantar de Natal
- Consoada
- Jantarada
- Rabanada



**11- Como se chama o tempo de preparação para o Natal?**

- Ascensão
- Preparação
- Quaresma
- Advento

**12- Segundo a tradição católica, quem montou o primeiro presépio?**

- S. Francisco de Assis
- S. Bernardo
- S. António
- S. Clemente de Alexandria

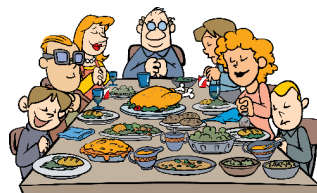


**13- Qual destes pratos não faz parte da culinária típica de Natal?**

- Peru
- Bacalhau
- Polvo
- Cabrito

**14- O hábito de comer peru no Natal está relacionado com uma celebração norte americana. Como se chama?**

- Dia da Independência
- Dia de S. Patrício
- Dia de Ação de Graças
- Dia de Todos os Santos



## Anexo 2

"Adoração dos Magos" - pintura de Bassano Jacopo e Francesco

